





A arte de viver em PAZ

Por uma nova
consciência e educação

Pierre Weil

Presidente da Fundação Cidade da Paz
e da Universidade Holística
Internacional de Brasília
UNIPAZ

Tradutores:

Helena Roriz Taveira
Hélio Macedo da Silva

Título original: *L'art de vivre en paix*

© Unipaix Belgique / Unesco 2002

Editora *Rosely M. Boschini*
Assistente editorial *Rosângela Barbosa*
Projeto gráfico *Marcelo Souza Almeida*
Diagramação e fotolitos *Join Bureau*
Capa *Túlio Fagim*
Revisão *Márcia Melo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weil, Pierre

A arte de viver em paz : por uma nova consciência, por uma nova educação / Pierre Weil ; tradutores Helena Roriz Taveira, Hélio Macedo da Silva. – São Paulo : Editora Gente, 1993 (1ª edição).

ISBN 85-85247-62-2

1. Paz 2. Educação 3. Holismo I. Título.

93-2146

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação para paz 370.115

Sumário

Apresentação	7
Prefácio – Por uma Nova Educação	9
Introdução.....	13
Introdução à Nova Edição	15
Módulo 1	
Metodologia.....	21
Módulo 2	
Uma Nova Concepção de Vida	25
A Visão Fragmentária da Paz.....	29
A Paz como Fenômeno Externo ao Homem	29
A Paz no Espírito do Homem	35
A Visão Holística da Paz.....	37
A Educação Fragmentária	38
A Visão Holística da Educação	39
A Educação Holística para a Paz	43
Metodologia Pedagógica	46

Módulo 3	
A Transmissão da Arte de Viver em Paz	49
O Processo de Destruição da Paz	50
O Paraíso Perdido	51
Metodologia Pedagógica	53
O Desenvolvimento da Paz Interior	65
A Paz do Corpo	66
A Paz do Coração	68
Os Métodos de Transformação Energética	70
Os Métodos de Estímulo Direto da Paz.....	74
A Paz de Espírito	75
Metodologia Pedagógica	80
A Arte de Viver em Paz com os Outros	81
As Três Manifestações Sociais da Energia	82
Metodologia Pedagógica	90
A Arte de Viver em Paz com a Natureza	92
Por uma Pedagogia Ecológica	93
Metodologia Pedagógica	99
Conclusão	101
Anexos	105
Declaração de Veneza	107
Carta da Transdisciplinaridade	111
Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável	117
Os Quatro Pilares da Educação	123
Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz	143
Direitos Humanos por um Novo Começo – Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência	163
Obras do autor	167

Apresentação

Nunca, nos últimos quarenta anos, a paz esteve tão próxima da humanidade. Jamais ela foi tão palpável como hoje em dia. Sim, a violência pode ser banida já de todos os níveis da vida.

Mas é necessário que os homens escolham com audácia, imaginação e determinação o caminho da paz. Porque ele não é o único. Existe também a trilha sombria que conduz à desordem e à guerra.

Desde sua fundação, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) trabalha para estabelecer a paz nas consciências, porque entende que “as guerras nascem no espírito dos homens, e é nele, primeiramente, que devem ser erguidas as defesas contra o ódio”.

Federico Mayor

Encontro Preparatório à Reunião Internacional de
Peritos de Yamoussoukro sobre a Paz
no Espírito dos Homens (1989)



Prefácio

Por uma Nova Educação

A Universidade para a Paz, criada pelas Nações Unidas na Costa Rica, manifesta seu reconhecimento a Pierre Weil pelo trabalho que vem desenvolvendo à frente da Fundação Cidade da Paz e da Universidade Holística Internacional de Brasília. É marcante a contribuição de Weil a um tema fundamental de nossa época: a educação para a paz.

Como ele sublinha em sua obra, depois de séculos ou mesmo milênios de silêncio, a educação para a paz enfim floresce neste planeta. Chegam a nós, sem cessar, notícias sobre o estabelecimento de cátedras para a paz e de novos ensinamentos a esse respeito. Existe, hoje, um grande interesse por esse assunto em diversos setores da atividade humana.

A essa eclosão de atividades aplica-se a observação de Leibniz, predizendo que a humanidade ficaria fascinada e seria absorvida pelas faculdades de análise da ciência de tal forma que, durante séculos, dissecaria a realidade e se esqueceria da síntese, do universal.

Mas ele previu, também, que a complexidade de nossas descobertas nos forçaria, mais cedo ou mais tarde, a retornar ao universal, à globalidade. O momento chegou, como demonstra todos os dias nossa nova abordagem em relação à Terra, à natureza, à comunidade humana, à unidade das ciências, ao caráter multidisciplinar da pesquisa e dos estudos.

Pierre Weil, assim, integra a educação para a paz à arte de viver, assunto que também é de complexidade infinita e requer um tratamento holístico.

O adjetivo “holístico” ainda assusta algumas pessoas. Que não se inquietem. Trata-se simplesmente da palavra grega “kath holikos”, que se refere à totalidade, ao universal. Essa palavra foi consagrada na expressão “Igreja Católica”, que quer dizer “Igreja Universal”.

Não vou me debruçar sobre a obra para analisá-la. Cabe ao leitor e aos professores a tarefa de descobri-la, apreciar seu porte e sua importância e compartilhar, como espero, o entusiasmo que senti.

Encarregado que fui durante anos da coordenação das 32 instituições especializadas e de programas mundiais das Nações Unidas, tive de enfrentar a complexidade crescente do saber e das preocupações humanas, nos aspectos físico, científico, intelectual, moral, ético e espiritual.

Também eu, depois de longas reflexões e observações, fui levado a procurar um enfoque holístico para compreender e sintetizar o movimento da humanidade nesse sentido, ao longo dos séculos. Foi esse esforço de síntese que me valeu o Prêmio da Educação para a Paz da Unesco, em 1989. Muitas escolas já começam a aplicar essa visão holística de educação e foi-me dada a honra de batizar com meu nome algumas delas.

Pierre Weil e eu devemos grande reconhecimento à Unesco por sua acolhida benevolente a esses ensaios de ensinamento universal, que podem parecer utópicos a algumas pessoas hoje. Mas as utopias de hoje costumam ser as realidades de amanhã – a existência das Nações Unidas e o nascimento da Comunidade Econômica Européia são bons exemplos dessa constatação.

Um dia, a utopia de uma comunidade mundial, de uma nação terrestre unida, também será uma realidade. Como dizia Schopenhauer, “toda verdade passa por três estados: primeiro ela é ridicularizada, depois é violentamente combatida, finalmente, ela é aceita como evidente”.

Em nome da Universidade para a Paz, envio sinceros agradecimentos a Pierre Weil e à Unesco. Queira Deus que esta obra seja a pedra angular para uma nova educação no limiar do terceiro milênio.

Robert Muller

Chanceler da Universidade para a Paz
da Organização das Nações Unidas na Costa Rica



Introdução

Durante os quase sessenta anos de existência da Organização das Nações Unidas, e mais particularmente da Unesco, inúmeras pesquisas foram feitas sobre as origens da guerra e os meios para estabelecer a paz no mundo.

Inspirada nessas conclusões e nos trabalhos de órgãos internacionais, uma pedagogia da paz está em plena gestação. Em todo o lugar, há educadores, cientistas e especialistas de diversas áreas trabalhando nesse projeto.

Mas por que tantos se põem a pesquisar esse assunto ao mesmo tempo? A resposta encontra-se na insatisfação que grande parte das pessoas vem apresentando quanto às formas tradicionais de pensar, sentir e relacionar-se. São indivíduos que rejeitam a fragmentação da vida que nos foi imposta ao longo de cinco séculos de império absoluto da razão.

Está nascendo, neste momento, uma nova percepção das coisas, que busca restituir a unidade ao conhecimento, com o objetivo de atingir a sabedoria e a plena consciência. Essa nova percepção é também chamada de “visão holística”.

Mas, para que ultrapássemos o estágio atual, é preciso formar já os mestres da nova época. Em outras palavras, a educação deve começar pelos próprios professores. O exemplo de sua paz interior e sua habilidade para irradiá-la e desenvolvê-la permitirá que caminhemos rumo ao futuro. Afinal, como se pode pretender mudar os outros senão começando por nós mesmos?

Indicar aos educadores os meios pedagógicos pelos quais eles alcançarão a transformação da sua própria consciência e da de seus alunos é o objetivo principal deste manual.

Embora tenhamos nos inspirado em grande parte nos trabalhos da Unesco, o conteúdo desta obra é de nossa inteira responsabilidade¹.

Esperamos que *A Arte de Viver em Paz* ajude a construir a nova visão que o momento requer. Se formos bem-sucedidos, estimularemos uma mudança profunda de atitude e de comportamento na população do planeta. O esforço terá, então, valido a pena.

1. A 26ª Assembléia Geral da Unesco recomendou o presente volume como um novo método holístico de educação para a paz em 1992, depois da publicação deste livro em francês e inglês.

Introdução à Nova Edição

Já se passaram quase quinze anos desde que escrevi a presente obra, em 1990.

Eu tinha uma relativa certeza do êxito do método, pois havia realizado em mim mesmo durante os vinte anos anteriores uma síntese entre o que aprendi com mestres ocidentais e orientais; ignorava naquela época que eu estava me adiantando às recomendações da Declaração de Veneza da Unesco. Eu estava também realizando os primeiros seminários da Arte de Viver em Paz (Avipaz).

Nesta nova edição, podemos afirmar que a experiência confirmou, num plano intercultural, o acerto da minha antevisão. Digo intercultural porque, neste longo espaço de tempo, houve inúmeras aplicações do seminário Arte de Viver em Paz não somente no Brasil, mas em várias partes do mundo.

No Brasil ele foi incorporado como seminário introdutório da Formação Holística de Base, uma formação de adultos que dura mais de dois anos na qual se aplica o modelo deste livro. E faz parte ainda de uma metodologia de Educação para

a Paz e Plena Consciência intitulado *Arte de Viver a Vida*, também publicado sob forma de livro.

Foram milhares de pessoas que passaram por esse processo. Em acordos entre a Unipaz e secretarias de educação e contratos com empresas particulares, a Avipaz penetrou na educação pública e particular no Brasil todo.

Mais recentemente, além de formar jovens líderes, a Unipaz começou uma experiência muito bem-sucedida para seiscentos policiais do Distrito Federal, despertando valores reprimidos e contribuindo para dar ao policial, nesta época de violência, maior senso da sua responsabilidade humana. O plano vai se estender a outros estados. Esta experiência contou com o apoio da Unesco nas pessoas da senhora Marlova Jovchelovitch Noleto, coordenadora da Área de Desenvolvimento Social, Projetos Transdisciplinares e Programa de Cultura de Paz, e do senhor Jorge Werthein.

Em Vitória, a Avipaz foi aplicada a prisioneiros por Dalila Lublana, projeto que obteve transformações a ponto de levar os guardas a pedirem para participar da formação.

Convém ainda citar uma importante iniciativa no plano político e empresarial do prefeito de Altinópolis, o médico Marco Ernani. Após ter participado da Formação Holística de Base, Marco Ernani resolveu aplicar tudo o que aprendera na gestão do seu município. O espírito da Avipaz começa a reinar, nestes dois primeiros anos, em todo o município. Todos os professores de ensino público já fizeram a Avipaz, assim como todos os dirigentes da prefeitura.

Fora do Brasil, já em 1992 aplicamos a Avipaz num seminário da Unesco em Kartum, no Sudão, para muçulmanos africanos de língua inglesa de toda a África. O entusiasmo foi tamanho que me afirmaram que muito do que a Avipaz transmite Mohamed já falou.

Na Escócia, na comunidade de Findhorn, formamos os primeiros facilitadores de língua inglesa, alguns dos quais aplicam a Avipaz até hoje nas escolas públicas.

Este trabalho no Brasil tem necessitado da formação de facilitadores, o que exigiu trabalho especial de redação de manual metodológico e manual do participante. Esta contribuição bastante meticulosa e trabalhosa foi supervisionada por Lídia Rebouças, a quem somos muito gratos. Assinalamos também a preciosa contribuição de Felipe Ormonde espalhando a Avipaz em espanhol nos países da América Latina.

Em Israel, a Universidade da Paz (Unipaz) tem realizado com muito êxito experiências de aproximação entre árabes e judeus.

Na França, na Bélgica e em Portugal, a Unipaz realiza programas semelhantes com o grande público.

Uma experiência realizada em Paris pela Unipaz, com Roswitha Lanquelin, e sob a direção de Antonella Verdiani, da Unesco, com jovens imigrantes magrebianos em situação de risco, obteve um início de transformação graças ao desenvolvimento da sua criatividade artística e poética.

Durante estes quase quinze anos muitas coisas aconteceram no plano social e internacional: a queda do Muro de Berlim, a criação oficial da União Européia, com uma moeda única, o euro, a guerra do Kuwait, a do Afeganistão e a do Iraque, a destruição das torres gêmeas em Nova York em 11 de setembro de 2001, o aumento do terrorismo ligado ao narcotráfico, o aumento da camada de ozônio, o fenômeno El Niño e mais recentemente o La Niña, a Rio 92 e dez anos depois a Johannesburgo 2002, o enfraquecimento de certos acordos internacionais sobre o meio ambiente, entre outras.

Tudo isso nos levou a atualizar neste livro a Roda da destruição (pág. 54), o que nos mostrou quantas coisas mudaram, umas para melhor, outras para pior.

Entre os aspectos de melhora, convém destacar o aparecimento progressivo de uma geração de “mutantes”, quer dizer, de seres tocados por uma crise existencial eventual e em plena transformação de consciência e de valores em direção à Paz, ao Amor e à Sabedoria.

Convém ainda assinalar que, sob influência do movimento feminista, estamos tomando consciência de que ainda nos encontramos imersos numa cultura masculina, dominada pelos homens, com repressão do feminino fora deles e dentro deles mesmos. Isso leva a uma ênfase na direção dos negócios do mundo na razão, no pensamento dialético, na efetividade, e a uma repressão do sentimento, do amor, da amizade, da ternura, da intuição e da afetividade. Com isso estamos começando a compreender que a mudança de paradigma preconizada e descrita neste volume é na realidade uma evolução da fase patriarcal para uma fase andrógina, na qual se reintroduzem e se recuperam o amor e outros valores femininos quase perdidos. Eu trato desta descoberta no meu livro *O Fim da Guerra dos Sexos*.

Nos Estados Unidos, o criador e ex-dirigente dos cartões Visa num mundo de 22.000 bancos tem descoberto por si mesmo a mudança de paradigmas e lançado internacionalmente o que ele chamou de aliança Caórdica, que consiste em introduzir o novo paradigma holístico nas empresas do mundo ainda dominadas pelo princípio mecanicista de mando/controle.

O presente livro foi publicado neste interregno em seis línguas: francês, inglês, espanhol, alemão, catalão e português.

Outro evento bastante positivo foi a instauração pela ONU e pela Unesco do Ano Internacional da Cultura de Paz, cujo desdobramento em Década de Educação para uma Cultura de Paz coloca em destaque a Avipaz como um dos instrumentos mais preciosos para auxiliar na instituição de uma Cultura de Paz no Mundo. Aliás, observei que dois dos organizadores do Ano Internacional haviam se inspirado na Avipaz quando participaram de um seminário em Paris. O movimento da Cultura de Paz no Brasil, sob influência de Jorge Werthein, assumiu proporção gigantesca, pois conseguiu mais de 6 milhões de assinaturas, sendo colocado em segundo lugar, depois da Índia. O embalo se traduz por inúmeros desdobramentos atuais em inúmeras universidades do Brasil.

Enfim, convém assinalar a publicação por Basarab Nicolescu do “Manifesto da Transdisciplinaridade”, desdobramento da Declaração de Veneza que se desenvolveu paralelamente ao movimento holístico de mudança de paradigmas. O espírito da transdisciplinaridade está presente neste volume, incluindo a Carta Magna, nos Anexos.

Diante deste imenso esforço de educação, não é de estranhar, pois, que eu tenha sido distinguido em Paris, em 2000, com o Prêmio Unesco de Educação para a Paz e que nosso livro tenha sido indicado como expressão de um movimento pioneiro de síntese entre métodos fragmentados de Educação pela Paz pelo Bureau Internacional da Educação da Unesco, em Genebra.

Esta presente edição em português foi enriquecida, além desta introdução, de documentos preciosos, entre os quais a Declaração de Veneza, duas declarações a respeito da Cultura de Paz, de uma conclusão e de uma revisão bibliográfica.

Esperamos que o leitor aprecie as novas contribuições.



Módulo 1

Metodologia

Este livro procura associar dados teóricos a recomendações que possam ser transformadas em planos de ação pedagógica. Assim, cada exposição teórica será acompanhada de uma orientação metodológica que auxilie o educador a desenvolver ou despertar o sentimento pela paz.

Recomendamos uma alternância entre estudo teórico e experiências vividas. Sugerimos ao educador que confronte o conteúdo deste manual com a sua prática. Ouça os conselhos que a vivência escolar lhe dá. Depois, retorne ao intelecto e tire as próprias conclusões. Não se esqueça de compartilhar as conquistas que fizer com seus colegas, porque eles podem lhe trazer pontos de vista novos e enriquecedores.

Para facilitar o trabalho de formação dos professores, optamos por dividir o material teórico e as recomendações contidas neste volume em três módulos.

Cada um deles contém:

1. Texto fundamental, que resume os principais aspectos do assunto e a situação atual das pesquisas.

2. Lista de métodos e técnicas pedagógicas recomendados.
3. Relação de obras essenciais de referência e consulta.

O conteúdo do programa obedece às recomendações de vários textos produzidos ou patrocinados pela Unesco. São eles:

1. Preâmbulo do Ato Constitutivo da Unesco.
2. Recomendação sobre a Educação para a Compreensão, a Cooperação e a Paz Internacionais e a Educação Relativa aos Direitos do Homem e às Liberdades Fundamentais (1974).
3. “Manifesto de Sevilha sobre a Violência” (1986).
4. Declaração de Veneza sobre a Ciência em face dos Limites do Conhecimento (1987), ratificada pela Declaração de Vancouver (1989), pela Declaração de Paris (1990) e pela Declaração de Belém (1992).
5. Encontro Preparatório à Reunião Internacional de Peritos de Yamoussoukro sobre a Paz no Espírito dos Homens (1989).
6. Declaração de Yamoussoukro sobre a Paz no Espírito dos Homens (1989).

Quanto aos métodos indicados, eles se inspiram em conhecimentos acumulados por diversas culturas. Acreditamos que a síntese de fontes de saber tão diferentes contribua para o entendimento internacional, na medida em que ajuda a diluir o preconceito e a intolerância.

Assim, segue-se uma listagem parcial das atividades pedagógicas que discutimos nesta obra:

1. Métodos de educação “ativa” provenientes da Europa.

2. Métodos expositivos, comuns a todas as culturas.
3. Métodos dialéticos, praticados nas principais culturas.
4. Diferentes tipos de ioga, da Índia, do Nepal e do Tibete.
5. Tai chi chuan, tal como é praticado na China.
6. Artes marciais pacíficas do Japão e da China.
7. Dança.
8. Música.
9. Artes plásticas.
10. Teatro e encenação.
11. Jogos educativos e folclóricos.
12. Técnicas de imprensa, rádio, TV, publicidade e propaganda.
13. Técnicas de treinamento e formação nas organizações empresariais.
14. Métodos de não-violência inspirados na Índia.
15. Métodos de administração de conflitos.
16. Métodos de despertar da sabedoria e do amor, ligados às tradições africana, xamanista, judaica, cristã, muçulmana, hinduísta, budista, entre outras.
17. Métodos de psicoterapia individual e em grupo.

Faremos um trabalho de aproximação desses conhecimentos, no sentido de criarmos uma visão holística, síntese de todos, ao mesmo tempo em que respeitaremos a diversidade que eles contêm. Voltaremos a esse assunto mais adiante.

Começaremos por uma introdução sobre os aspectos teóricos de nosso programa. Ela destaca o aparecimento de uma nova concepção da vida, a necessidade de tomar consciência dela e sua influência decisiva sobre a educação pela paz.

A proposta que apresentaremos baseia-se em um método de sensibilização elaborado ao longo de vinte anos de pesquisas e intitulado A Dança da Vida pelo Cosmodrama. Seu objetivo é a descoberta pessoal da paz, relacionando-a a determinados estados de consciência. Esta pesquisa foi realizada no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais pela cátedra de Psicologia Transpessoal.

Começamos, então, pela exposição dos princípios teóricos que justificam esta nova visão de educação para a paz.

Módulo 2

Uma Nova Concepção de Vida

Nunca estivemos tão perto da paz. Mas, ao mesmo tempo, jamais ela nos pareceu tão distante. Já podemos curar doenças que até bem pouco tempo atrás eram terrivelmente mortais. Das pranchetas dos cientistas brotam animais e plantas que a natureza não criou.

Em laboratórios que fariam inveja a filmes de ficção científica, surgem robôs capazes de executar todo tipo de serviço, da faxina doméstica à pesquisa espacial. São olhos eletrônicos que espionam os confins do universo em busca de nossos eventuais parceiros distantes na aventura da vida.

Médicos ousam substituir corações, rins e membros avariados por órgãos biônicos criados em oficinas. Maravilhas.

Ao olharmos em volta, porém, damos de cara com os terríveis subprodutos desse desenvolvimento: miséria, violência, medo.

A humanidade atingiu o limiar de uma nova era e vive, agora, uma espécie de dor do crescimento. Deixamos de ser crianças, mas ainda não sabemos nos portar como gente grande.

Acumulamos conhecimentos em quantidade. Mas, sem sabedoria para usá-los, podemos destruir-nos e ao mundo que habitamos.

Felizmente, uma nova consciência está se estabelecendo no espírito de grande parte das pessoas. Ela inspira outra maneira de ver as coisas em ciência, filosofia, arte e religião.

Somos os espectadores privilegiados e os atores principais de mais este ato da “comédia humana”. Trata-se de um momento de síntese, integração e globalização. Nesta fase, a humanidade é chamada a colar as partes que ela mesma separou nos cinco séculos em que se submeteu à ditadura da razão.

Esse esforço começa a se fazer necessário porque a crise de fragmentação chegou a limites extremos e ameaça a sobrevivência de todas as formas de vida sobre a Terra.

Dividimos arbitrariamente o mundo em territórios, pelos quais matamos e morremos. Já se produziram armas nucleares que poderiam destruir várias vezes o nosso planeta. A loucura e a competição são tão ferozes que ignoram o óbvio: não haverá uma segunda Terra para ser destruída, nem ninguém ou coisa alguma para acionar o gatilho atômico depois da primeira vez.

Quebramos a unidade do conhecimento e distribuímos os pedaços entre os especialistas. Aos cientistas, demos a natureza; aos filósofos, a mente; aos artistas, o belo; aos teólogos, a alma.

Não satisfeitos, fragmentamos a própria ciência, espalhando-a pelos domínios da matemática, da física, da química, da biologia, da medicina e de tantas outras disciplinas. O mesmo ocorreu com a filosofia, a arte e a religião, cada um desses ramos se subdividindo ao infinito.

Como conseqüência, o mundo do saber tornou-se uma verdadeira “torre de babel”, em que os especialistas falam cada qual a sua língua e ninguém se entende.

A mais ameaçadora de todas as fragmentações, no entanto, foi a que dividiu os homens em corpo, emoção, razão e intuição, porque ela nos impede de raciocinar com o coração e de sentir com o cérebro.

Autor da Teoria da Relatividade, o físico Albert Einstein demonstrou no início do século passado que tudo no universo é formado pela mesma energia¹, do mesmo modo que, embora vistos como diferentes, o gelo e o vapor são em último caso apenas água...

Desse modo, a fragmentação só existe no pensamento humano, cuja propriedade essencial é justamente classificar, dividir e fracionar para, em seguida, estabelecer relações entre esses fragmentos.

Recuperar a unidade perdida significa reconquistar a paz. Mas, desta vez, o inimigo a derrotar não é estrangeiro. Ele mora dentro de nós. É a força que isola o homem racional de suas emoções e intuições.

Foi a própria ciência moderna que começou a exigir o surgimento de uma nova consciência. Incapazes de responder às questões que eles mesmos formulavam, muitos físicos saíram em busca da psicologia, da religião e das mais importantes tradições² da humanidade.

-
1. LUPASCO, S. *Les trois matières*. Paris: Julliard, 1960. NOREL G. *Histoire de la matière et de la vie – les transformations de l'évolution*. Paris: Maloine, 1984.
 2. Este encontro transdisciplinar é objeto de uma das recomendações da Declaração de Veneza, elaborada sob o patrocínio da Unesco. Leia “La science face aux confins de la connaissance. Colóquio internacional – La Déclaration de Venise”. Paris: Ed. Le Félin. Collection Science et Connaissance. 1987.

Este encontro entre a ciência moderna, os estudos trans-
 pessoais e as tradições espirituais constitui o que chamamos
 de visão holística. É importante que tenhamos uma clara
 noção dessa mudança de visão e das conseqüências que ela traz
 para a educação.

Examinemos agora como o próprio conceito de paz foi
 afetado pela especialização do conhecimento (*ver quadro 1*).

Quadro 1

Visão não fragmentada da energia
 Formas de manifestação e ciências correspondentes
 Quadro sinótico

Natureza	Forma de manifestação da energia	Matéria	Vida	Informação
	Ciências correspondentes	Física	Biologia	Cibernética
Homem	Forma de manifestação da energia	Corpo	Vida	Mente
	Ciências correspondentes	Anatomia	Fisiologia	Psicologia
Sociedade	Forma de manifestação da energia	Hábitat Alimentação	Vida social e política	Cultura
	Ciências correspondentes	Economia	Sociologia	Antropologia

A Visão Fragmentária da Paz

A toda ação corresponde uma reação. Essa verdade cristalina é freqüentemente ignorada pela cultura da fragmentação. Assim, é interessante observar como sujeito e objeto, nessa visão do real, estão sempre irremediavelmente separados, do mesmo modo que causa e efeito.

Os perigos de tal concepção são evidentes, e os exemplos, inúmeros. Comportamo-nos como se pudéssemos cortar todas as árvores, como se tivéssemos salvo-conduto para destruir rios e oceanos sem que o planeta nos puna pela ousadia.

Nas relações com os outros homens não é diferente: somos agressivos com as pessoas que nos cercam e reclamamos quando elas nos ferem. Agimos como se nossos atos não tivessem conseqüências, como se as nossas vítimas não pudessem jamais reagir.

Essa visão fragmentária do real bem que poderia ser chamada de “cultura da irresponsabilidade”, na medida em que reforça uma confortável mas perigosíssima cegueira sobre as relações entre o sujeito e o objeto.

A Paz como Fenômeno Externo ao Homem

Um dos principais erros que cometemos ao falar sobre a paz consiste em vê-la sempre como uma aparência, como algo externo ao homem. Assim, dizemos que os homens vivem em paz se eles não estão em guerra, se não há conflito evidente.

Se enxergarmos a paz apenas dessa forma, nossas preocupações se concentrarão no tratamento do conflito e de suas causas específicas. Assim, tudo faremos para obter um desar-

mamento geral. Obviamente, este é apenas um dos lados do problema, e, aliás, o menos importante.

Mais do que ausência de conflito, a paz é um estado de consciência. Ela não deve ser procurada no mundo externo, mas principalmente no interior de cada homem, comunidade ou nação.

De nada adianta desarmar todos os homens. Eles continuarão a se matar aos socos, se os espíritos não forem pacificados. E, na primeira oportunidade, produzirão máquinas ainda mais mortíferas para se destruir mutuamente.

A paz está dentro de nós. Ou então não existe. Se é no espírito dos homens que começam as guerras, então, como disse Robert Muller em 1989, “é nas escolas da Terra que se moldará a nova consciência, capaz de pôr um termo a toda violência”.

Para entender melhor aonde nos leva a visão da paz como um fenômeno externo ao homem, acompanhemos o seguinte raciocínio: onde não há ódio, não há guerra; nem haverá nunca; também não existirá conflito armado onde não houver armas; mas, se não tratarmos o interior dos homens, bastará que alguém forneça a munição, e o conflito explodirá tão ou mais forte que antes.

O ódio habita o interior das pessoas, enquanto as armas são um sinal exterior. Se olharmos a paz apenas como ausên-

3. BOSC, R. *Sociologie de la paix*. Paris, 1965.

cia de guerra, abriremos mão de cultivá-la na consciência dos homens. Ficaremos satisfeitos retirando suas armas.

Se a paz fosse um fenômeno apenas externo ao homem, sua natureza seria cultural, jurídica, social, política ou econômica. Em resumo, as ciências sociais poderiam, sozinhas, desvendar todos os mecanismos pelos quais os povos guerriam e os homens entram em conflito.

Não é assim. A paz é um fenômeno mais complexo, que exige a contribuição de outras ciências e de outros saberes para ser explicado. Ao afirmarmos isso, contudo, não estamos desmerecendo a enorme contribuição que as ciências sociais deram ao conhecimento das causas e do desenvolvimento da guerra e da paz.

Ainda dentro do quadro de referenciais externos ao homem, podemos distinguir dois estados diferentes da paz:

1) *A paz vista como ausência de violência e de guerra* dá ênfase ao tratamento do conflito e de suas causas e ao desarmamento geral, conforme já foi dito. Ela desarma os homens, resolve as causas específicas de uma briga, mas é ineficaz para desarmar os espíritos.

Alguns autores entendem que o conflito em si pode ser construtivo e evolutivo. O problema das guerras não estaria aí, e sim na violência, espécie de degeneração do conflito.

A matança de inocentes ou a agressão pura e simples se originariam de uma incapacidade de obter o consenso, solução civilizada para esses conflitos⁴. Vários especialistas em

4. M'BOW, Mamadou-Mahtar, *et col.* *Consensus and peace*. Paris: Unesco, 1980.

direito internacional insistem em resolver a questão da violência baseando-se na substituição do conceito jurídico de “guerra justa” pelo de “direito à paz”. Em outras palavras, eles querem substituir a lei da força pela força da lei⁵.

Segundo essa visão, é função dos tribunais internacionais a resolução dos conflitos. Aos juízes caberia dar as sentenças a partir de um princípio essencial: o homem tem direito à paz. Embora nos pareça bastante justa essa perspectiva, acreditamos que ela seja insuficiente para prevenir a eclosão violenta dos conflitos.

Na prevenção propriamente dita, tem prevalecido um conceito muito enraizado entre os povos do mundo, o de “paz armada”. Existe até mesmo uma antiquíssima máxima militar que resume o problema: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra”. Esse princípio é ensinado e desenvolvido nas escolas militares. Ele apresenta um paradoxo fundamental: a função essencial das Forças Armadas é manter a paz pelo emprego da força. Quando a Organização das Nações Unidas envia suas famosas forças de paz para agir em determinado país, é esse princípio que está sendo aplicado. A postura oposta consiste em afirmar: “Se queres a paz, prepara a paz”. Nessa ótica incluem-se os esforços de desarmamento iniciados já no tempo da Sociedade das Nações, antecessora da ONU.

Convém notar, no entanto, que essa última tese não poderá ser posta em prática de maneira completa senão com a condição de que ela seja absolutamente multilateral, ou seja, que se estenda a todas as nações, sem exceção. Caso contrário, correremos o risco de assistir à dominação de muitas nações

5. FERENCE, B.B.; KEYES JR., Ken. *Planethood ou les citoyens du monde*. Prefácio de Robert Muller. Quebec: Knowlton, 1989.

indefesas, por parte de uma nação armada. Esse é o argumento essencial dos chefes de exércitos nacionais para manter suas organizações e mesmo desenvolvê-las.

Poderíamos citar como precedente histórico os conquistadores europeus — armados até os dentes —, que massacraram as pacíficas populações indígenas da América, explorando-as e escravizando-as. Os cientistas políticos tentam explicar o problema da paz a partir de um ponto de vista diferente, embora também externo ao homem. Segundo eles, a competição e a possessividade nacionalistas constituem fatores importantes da guerra. Para alcançar a paz, esses cientistas preconizam a criação de um governo mundial, do qual a Sociedade das Nações e, posteriormente, a ONU teriam sido uma espécie de fase preparatória.

2) *A paz vista como um estado de harmonia e fraternidade entre os homens e as nações* parte do pressuposto de que só um trabalho direto e construtivo sobre os grupos e as sociedades poderá pôr fim definitivamente às guerras.

Escolas, jornais, televisão, cinema, teatro, informática e todos os veículos mais modernos⁶ seriam convidados a participar dessa reeducação das sociedades, com o objetivo de mudar efetivamente o plano das atividades coletivas. Esse é também um dos focos de ação da Unesco.

“Ausência de violência e de guerra” ou “estado de harmonia e fraternidade” podem ser classificados como partes de uma só categoria, que diz respeito às relações entre os homens. Chama-se a isso “ecologia social”.

6. UNESCO. *L'éducation aux médias*. Paris: Unesco, 1984.

Pode-se estender a noção de paz como estado de harmonia à natureza e ao planeta. A própria Unesco defende a união dos problemas do meio ambiente àqueles da segurança mundial e da paz, conforme esclarece a Declaração de Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável (veja íntegra na pág. 177):

“Todos os seres pertencem inseparavelmente à natureza, sobre a qual são erigidas a cultura e a civilização humanas. A vida sobre a Terra é abundante e diversa. Ela é sustentada pelo funcionamento ininterrupto dos sistemas naturais que garantem a provisão de energia, ar, água e nutrientes para todos os seres vivos, que dependem uns dos outros e do resto da natureza para sua existência, seu bem-estar e seu desenvolvimento. Toda manifestação de vida sobre a Terra é única, razão pela qual lhe devemos respeito e proteção, independentemente de seu valor aparente para a espécie humana”.

Assim, não se pode mais pensar em paz sem relacionar esse conceito ao de “ecologia planetária”⁷.

-
7. UNESCO. “Recomendação sobre a Educação para a Compreensão, a Cooperação e a Paz Internacionais e a Educação Relativa aos Direitos do Homem e às Liberdades Fundamentais”. Unesco, 1974. UNESCO. “Déclaration de Yamoussoukro”. Paris: Unesco, 1989. BRUNDTIAND, G. *et coll.* *Our common future*. Oxford/Nova York: Oxford University Press, 1987.

Até aqui, falamos em educação de sociedades e nações, mencionamos tribunais internacionais e um governo mundial. Como se pode perceber, tratamos categorias generalizantes, que se referem a amplas comunidades de homens e mulheres. Examinemos agora uma nova perspectiva, que se refere ao sujeito. Façamos, portanto, sobre a paz interior.

A Paz no Espírito do Homem

Este ponto de vista corresponde ao conteúdo do Preâmbulo do Ato Constitutivo da Unesco, que afirma que:

“as guerras nascem no espírito dos homens, e é nele, primeiramente, que devem ser erguidas as defesas da paz⁸. Poderíamos dar a esta tese o nome de ‘ecologia interior ou pessoal’”.

Ainda que freqüentemente citado, esse preâmbulo tem sido pouco aplicado, como demonstra um breve estudo que publicamos recentemente⁹. Essa pesquisa revela, a partir de dados da Unesco, que, nas 310 instituições consagradas ao ensino e à pesquisa sobre a paz, somente um quarto das disciplinas estudadas tem eventualmente relação com a paz in-

8. UNESCO. “Acte Constitutif”. Paris: Unesco.

9. WEIL, P. *A paz no espírito dos homens*. São Paulo: Thot nº 53, 1990.

terior. Apenas 14% dos trabalhos de pesquisa realizados se concentram nesse assunto.

A idéia de que é no espírito dos homens que começam as guerras, base da Declaração de Yamoussoukro, também admite duas variantes:

1) *A paz como resultado da ausência ou dissolução de conflitos intrapsíquicos.* É uma tese de natureza psicoterápica, segundo a qual a paz será possível por meio do restabelecimento do equilíbrio entre o id e o superego, ou, em outras palavras, entre o coração e a razão, ou entre o instinto e o coração.

2) *A paz como um estado de harmonia interior, resultado de uma visão não fragmentada do saber.* É uma tese de natureza espiritual, ligada às grandes tradições da humanidade¹⁰, assim como aos recentes trabalhos da psicologia transpessoal. Caracteriza-se por ser inseparável do amor altruísta e desinteressado.

Um dos principais objetivos dessa harmonia interior é integrar a ciência (no caso, a psicologia) à tradição espiritual. Lembremos, de passagem, que essas duas áreas do conhecimento se separaram ao longo dos últimos séculos por conta do domínio absolutista da razão.

Em resumo, a visão fragmentada da paz nos põe em contato com teses limitadas, expressão de especializações e fragmentações do conhecimento. Todas têm suas verdades, mas nenhuma aborda o problema completamente. Daí o porquê de a guerra ser um drama aparentemente insolúvel em nossas vidas.

10. KRISHNAMURTI. *La première et dernière liberté*. Prefácio de Aldous Huxley. Paris: Stock, 1954.

A Visão Holística da Paz

Uma nova visão da paz será, certamente, holística. Ela levará em conta todos os aspectos mas, como se trata de uma síntese, irá adiante. Essa visão inovadora implica:

1) *Uma teoria não fragmentada do universo*, segundo a qual a matéria, a vida e a informação são apenas formas diferentes de manifestação da mesma energia.

2) *Uma perspectiva que leve em conta o homem, a sociedade e a natureza*, ou seja, a ecologia interior, a ecologia social e a ecologia planetária. Esses três aspectos estão estreitamente ligados e em constante interação.

Segundo esse ponto de vista, a paz é ao mesmo tempo felicidade interior, harmonia social e relação equilibrada com o meio ambiente.

Assim, não pode haver verdadeira paz no plano pessoal quando se sabe que reinam a miséria e a violência no plano social ou que a natureza nos ameaça com a destruição porque nós a devastamos.

A visão ou consciência holística implica um alargamento progressivo das fronteiras humanas. Começamos pela pessoa, cujas características egocentradas diminuem quando ela se abre para a sociedade em que vive. Já é uma evolução, mas pode-se ir além.

Progressivamente, esse indivíduo descobre que sua vida e a de seus semelhantes dependem de um delicado equilíbrio ecológico: a consciência sociocentrada se desdobra então em consciência planetária.

Mesmo esta, no entanto, ainda é geocêntrica, ou seja, vista de uma perspectiva limitada ao nosso planeta, como se ele fosse o centro do universo.

A visão holística é, pois, uma consciência cósmica¹¹ de natureza transpessoal, transsocial e transplanetária, integrando esses três aspectos numa perspectiva mais ampla.

O estudo e a administração da paz, por isso, devem ser o resultado de um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, ou seja, um esforço de integração dos vários saberes que a humanidade desenvolveu em sua história.

Assim como a paz, a educação também pode ser concebida numa perspectiva fragmentária, dividida e deformada. É chegado o momento de optar por uma nova pedagogia, mais abrangente e explicativa. É o que vamos examinar agora.

A Educação Fragmentária

O que hoje em dia se denomina “educação” é muito frequentemente confundido com “ensino”. Expliquemos as diferenças entre esses dois conceitos.

O ensino se dirige exclusivamente às funções intelectuais e sensoriais. Trata-se de uma simples transmissão mental, que aumenta o volume de conhecimentos ou forma opiniões. Esse papel está tradicionalmente ligado à escola.

Paralelamente a ela, existe a família, à qual cabe ocupar-se do caráter, isto é, dos sentimentos e emoções, hábitos e atitudes interiores. Pais e mães incorporam o papel de agentes auxiliares dos professores. Assim, um volume enorme de funções que seriam da escola invade a relação doméstica.

11. WEIL, P. *A consciência cósmica – Fronteiras da regressão – Fronteiras da evolução e da morte*. Petrópolis: Vozes.

Resulta daí uma cisão entre pensamento, opinião e atitudes racionais (formados pela escola) e hábitos e comportamentos (formados pela família).

Relembremos aqui o exemplo de pesquisas feitas sobre as opiniões raciais em alguns países. Se recorremos às opiniões racionais, a maioria dos brancos se declara contra o racismo. É, sem dúvida, o que foi transmitido pela escola.

Mas, se indagamos de indivíduos brancos se eles concordariam com o casamento de suas filhas com negros, a maioria dá uma resposta negativa. Trata-se, sem dúvida, do que foi transmitido no plano dos hábitos e costumes pela família.

Há vários exemplos dessa contradição: podemos ter opiniões democráticas e um comportamento autocrático; defender a natureza e pisar em flores; declararmo-nos pacifistas e bater nas crianças; afirmar que somos tolerantes e falar mal de todo o mundo pelas costas.

Esse ensino, confundido com educação, é muito deficiente. E piora, à medida que se desenvolve a fragmentação do conhecimento em especialidades e subespecialidades, como é o caso do ensino secundário e da universidade.

A proposta holística de educação apresenta uma perspectiva e um conjunto de métodos bem diferentes. É o que vamos examinar e descrever a seguir.

A Visão Holística da Educação

Quando educação se confunde com ensino, a ênfase está na razão. Uma proposta holística tende a despertar e desenvolver tanto a razão quanto a intuição, a sensação e o sentimento.

O que se busca é uma harmonia entre essas funções psíquicas. Isso corresponde, no plano cerebral, a um equilíbrio entre os lados direito e esquerdo do cérebro e a uma circula-

ção harmoniosa de energia entre as camadas corticais e subcorticais e em todo o sistema cérebro-espinhal.

Enquanto o ensino enfatiza o conteúdo de um programa, a aquisição de um conjunto de conhecimentos, a proposta holística demonstra como cada situação da existência constitui uma oportunidade de aprender.

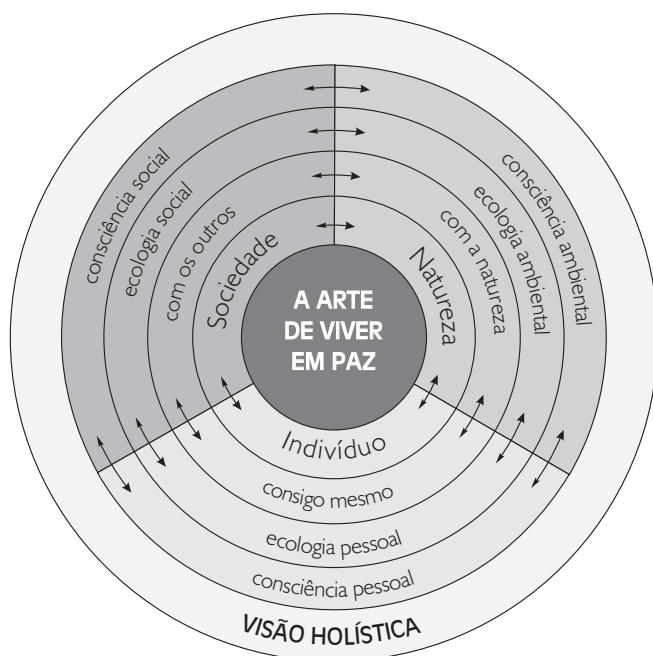
Enfim, a educação tradicional tem uma tendência a condicionar as pessoas a viverem exclusivamente no mundo exterior, enquanto a proposta holística se orienta tanto para o exterior quanto para o interior (*ver quadros 2 e 3*).

Quadro 2

VISÕES DA PAZ
Segundo o antigo e o novo paradigma
Quadro sinótico

Antigo paradigma	Paradigma holístico
<p>Paz vista como fenômeno externo. Sobre o plano externo a paz é vista:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como ausência de conflitos e de violência. Várias teses: culturais, jurídicas, socioeconômicas, militares, religiosas. 2. Como estado de harmonia e fraternidade entre os homens e a natureza. <p>Sobre o plano interior, a paz é vista tanto como ausência ou resultado de dissolução de conflitos intrapsíquicos quanto como estado de harmonia interior. Falta de integração destes diferentes pontos de vista.</p>	<p>Paz vista como fenômeno externo e interno.</p> <p>A paz é o resultado de uma convergência de medidas dependentes da ecologia interior, da ecologia social e da ecologia planetária, nas quais as principais teses do antigo paradigma são levadas em consideração, encontrando sua condição de forma integrada.</p> <p>Esta convergência encontra-se no estado transpessoal da consciência, cuja paz é uma das manifestações.</p>

Quadro 3



Pode-se também comparar os fins últimos da educação tradicional com aqueles da proposta holística. A primeira enfatiza o consumo, a competição agressiva, o sucesso e a especialização extremada, a aquisição e a posse de uma fortuna.

A visão holística insiste sobre a simplicidade voluntária, a cooperação, os valores humanos, a formação geral precedendo a especialização, o dinheiro visto como um meio a serviço de valores fundamentais, e não como um fim em si mesmo.

Além de todos esses aspectos, uma diferença fundamental reside na concepção do potencial humano de transformação. Uma perspectiva estática domina a antiga educação, na qual

se pretende que, após a adolescência, o homem pare de evoluir intelectual e afetivamente.

Na perspectiva holística, ao contrário, a evolução é permanente. Muito mais: pode-se operar, em qualquer idade, uma verdadeira metamorfose.

Seguindo essa analogia, a lagarta simboliza o homem estratificado, esclerosado e preso à rotina de seus hábitos cotidianos e preconceitos.

A crisálida representa o processo de transformação de uma consciência. Trata-se de um período de crise interior, de questionamento de valores, de obscurecimento provisório da alma. Nesse estágio vigoram o egoísmo, o fechamento, a limitação e o medo de uma vida harmoniosa e altruísta.

A borboleta seria, então, a nova consciência, caracterizada por um estado de paz e plenitude.

Enfim, algumas palavras sobre a metodologia da educação. Segundo o antigo modelo, o aluno é considerado como uma espécie de fita magnética ou filme virgem, e sobre ele o professor registra seu ensinamento de forma mecânica.

Espera-se do aluno que ele faça esforços de memorização para reforçar a ação do professor. A expectativa é que o processo provoque as mudanças recomendadas na lição. Tudo se passa como se ao mestre coubesse pura e simplesmente adestrar a criança ou o adolescente.

O novo paradigma substitui o conceito de aluno (aquele que é ensinado), pelo de estudante (que participa ativamente do processo, que assume e dirige a própria transformação).

Desde o começo do século passado, assiste-se a uma lenta, muito lenta, evolução dos métodos de educação. Primeiramente, houve a crítica aos métodos violentos que eram usados nas escolas. Aplicavam-se verdadeiras torturas físicas e psíquicas aos alunos considerados rebeldes ou inaptos ao aprendizado.

Pouco a pouco, começou-se a questionar a idéia de que o professor fosse o possuidor absoluto do saber, cabendo ao aluno apenas absorver conhecimentos previamente estabelecidos.

Na educação ativa ou nova, é o estudante quem trabalha, faz as pesquisas, as visitas, as observações sobre o terreno, os relatórios. Às vezes, é ele quem dá uma lição.

O professor se transforma em perito, em conselheiro. Ele orienta mais do que ensina, dá exemplos por meio do próprio comportamento, mostra que tem profundamente integrados nele mesmo os princípios que recomenda (*ver quadro 4 na página seguinte*).

Embora esteja demonstrado que a educação ativa é muito mais eficaz do que o ensinamento tradicional, hábitos seculares, ancorados em preconceitos, retardam a adoção dessa nova postura.

Antes de terminar este tópico, convém chamar a atenção do leitor para o fato de que, assim como o modelo racional ocidental, a educação tradicional é, sem dúvida, específica da civilização industrial.

Tudo indica que as culturas mais inseridas na natureza, integradas ao meio ambiente, possuem métodos de educação ancorados na ação, contando com a participação de toda a comunidade.

A Educação Holística para a Paz

Como já vimos, o antigo modelo racional ocidental leva à destruição do planeta e à solução violenta dos conflitos. Mas, se é assim, por que não abandonamos esse ponto de vista suicida?

A resposta está no fato de esse modelo atuar sobre nós como uma espécie de droga mortal. É difícil largar o vício

Quadro 4

O ANTIGO E O NOVO PARADIGMA EM EDUCAÇÃO Quadro sinótico

	Antigo Paradigma	Paradigma Holístico
Conceito de educação	Informação. Ensino limitado ao intelecto. Instrução dirigindo-se à memória e à razão.	Formação. Educação da pessoa. Processo de harmonização e de pleno desenvolvimento da sensação, do sentimento, da razão e da intuição.
Conceito de estudante	Aluno considerado como "objeto" de ensino, como mecanismo automático de registro.	Educando considerado como sujeito estudando, participante ativo do processo educativo.
Sistema nervoso	Lado esquerdo do cérebro.	Lado esquerdo e direito. Todo o sistema nervoso cerebrosinal.
Campo de ação	Aquisição de conhecimentos; ênfase sobre o conteúdo. Mudança de opiniões.	Transformação da personalidade em seu conjunto. Mudança de opiniões, de atitude e de comportamento efetivo.
Agente educativo	A escola como agente de educação intelectual, a família como auxiliar da escola. O professor como "docente".	A família, a escola e a sociedade em um esforço concentrado. O educador como animador, facilitador, focalizador, ou mesmo catalisador de evolução.
Conceito de evolução	A evolução pára na adolescência. Maturidade limitada ao intelecto, à capacidade de procriar e de trabalhar. Esta evolução é pessoal.	A evolução continua no adulto. Maturidade vista como um estado de consciência ampliado, de harmonia, de plenitude e de paz de natureza pessoal e transpessoal.
Tipo de formação Orientação de valores	Predominância da especialização. Valores pragmáticos: consumismo, competição, poder, possessividade, celebridade.	Formação geral precede à especialização. Valores pragmáticos e éticos: simplicidade voluntária, cooperação, generosidade, igualdade, equanimidade.
Métodos de educação	Exposição verbal, oral, complementada por livros e manuais. Método passivo. Recompensas e punições em um sistema seletivo e competitivo. O professor ensina, o aluno escuta. Escola separada da comunidade. O professor "induz" opiniões, atitudes e mudanças de comportamentos.	Pesquisa e trabalho individual e de grupo. Exposições verbais e orais pelos estudantes e pelo professor. Método ativo. Métodos audiovisuais. Exposições, excursões, visitas. O estudante é ativo, pesquisa e ensina aos outros. O professor como conselheiro, consulente, orientador. Escola integrada à comunidade. O educar é um exemplo da integração de princípios e comportamentos que ela recomenda.

porque ele, ao mesmo tempo que mata, dá conforto e sensações de prazer a seus usuários.

Não esqueçamos que foi sob a égide dessa forma de pensamento que os homens realizaram a Revolução Industrial, criando mercadorias e serviços que fariam inveja ao mais poderoso rei de épocas passadas.

Esse modelo conduz também, como já vimos, a uma visão limitada da paz e a um conceito estreito de educação, confundindo-a com o mero repassar de conhecimentos e opiniões.

Pode-se definir a educação holística para a paz como um processo que se inspira nos métodos ativos, dirigindo-se à pessoa como um todo, mantendo ou restabelecendo a harmonia entre o sentimento, a razão e a intuição.

Entre as metas da nova educação estão a saúde do corpo, o equilíbrio entre mente e coração e o despertar e a manutenção dos valores humanos.

O cumprimento desses objetivos é requisito básico ao desenvolvimento da capacidade de administrar conflitos, através de uma abordagem não violenta.

Na relação do homem com a natureza, a educação holística pretende ensinar a consertar, na medida do possível, a devastação ecológica causada pelo homem. Crianças e adolescentes são incentivados a ajudar na manutenção do equilíbrio ambiental.

Em resumo, trata-se de transmitir e desenvolver a arte de viver em paz em três planos:

- 1) *O homem*: refere-se à ecologia interior ou à arte de viver em paz consigo mesmo. Simultânea ou sucessivamente, corpo, coração e espírito encontrarão seu estado de equilíbrio.

- 2) *A sociedade*: refere-se à ecologia social ou à arte de viver em paz com os outros. Basicamente, afeta os domínios da economia, da vida social e política e da cultura.
- 3) *A natureza*: refere-se à ecologia planetária ou à arte de viver em paz com a natureza. Tem como objetivo a paz com o meio ambiente.

Assim sendo, *A Arte de Viver em Paz* partirá do que já foi descoberto pelas consciências pessoal, social e planetária, mas não ficará nisso. Ultrapassando essas três formas de saber, esta obra pretende abrir portas para uma visão holística própria do estado transpessoal cósmico (*ver quadro 3 na página 41*).

Cabe advertir o leitor de que a educação holística para a paz não pode se limitar à sala de aula; ela é uma aprendizagem na qual se deve estimular o autodidatismo.

O trabalho que apresentamos aqui é um convite, ainda que programado, à pesquisa e à verificação pessoal de princípios provenientes da sabedoria milenar. Muitos deles foram, em parte, conferidos e confirmados pela ciência moderna, no espírito da Declaração de Veneza da Unesco.

O que propomos aqui é um sistema no qual, como diz Abraham Moles, “a educação se integre novamente à vida cotidiana, reencontrando algumas das características da aprendizagem imediata, que a aldeia antiga – sem escolas ou professores – proporcionava a seus jovens”.

Metodologia Pedagógica

Esta introdução geral poderá ser enriquecida por intermédio dos seguintes métodos:

- 1) Grupos de discussão de temas e subtemas.
- 2) Visitas a centros educacionais que pratiquem métodos ativos de educação.
- 3) Grupos de estudos e de discussão sobre as mudanças na concepção do saber.

Eis alguns autores recomendados para o aprofundamento dos temas tratados neste módulo:

- 1) CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1987.
- 2) KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- 3) FERGUSON, M. *A conspiração de aquário*.
- 4) BOHM, D. *La plénitude de l'univers*. Paris: Rocher, 1987.
- 5) WEIL, P. *L'homme sans frontières*. Paris: L'Espace Bleu, 1989.
- 6) _____. "Vers une approche holistique de la nature de la réalité" in *Question* de nº 64. Paris: Albin Michel, 1986.
- 7) NICOLESCU, B. *Nous, la particule et le monde*. Paris: Le Mail, 1985.



Módulo 3

A Transmissão da Arte de Viver em Paz

Para que um professor possa transmitir a arte de viver em paz a outras pessoas, sejam crianças, adolescentes ou adultos, é necessário que preencha uma condição essencial: ser ele mesmo um exemplo de tudo o que transmite.

Pode-se dizer que a simples presença do mestre, pela irradiação de um conjunto de qualidades como afeição, doçura, paciência, abertura às necessidades mais profundas do outro, capacidade de se colocar no lugar daquele que sofre, dispensaria toda espécie de ensinamento.

A questão é saber onde encontrar um educador com tais características. Se eles são raros, como parece ser o caso atual, nosso problema passa a ser formá-los e prepará-los.

Para que se tenha uma dimensão da tarefa, basta dizer que as qualidades necessárias a um educador da paz são bem parecidas com aquelas que se encontram nos grandes mestres. Esses homens e mulheres especiais aparecem em todas as culturas e se notabilizam por vivenciar o amor e a sabedoria e por dedicar seu tempo ao serviço desses valores.

Tais pessoas iluminadas, ainda que existam nos nossos dias, são raras. Podemos contá-las nos dedos: um Gandhi e uma mãe Tereza de Calcutá não circulam pelas ruas normalmente.

O que se deve fazer, então, é encontrar gente que se identifique com esses mestres ou com essas qualidades. Seres que estejam dispostos a trabalhar suas essências. Que sejam suficientemente lúcidos e modestos para se mostrar como são. Que apresentem freqüentemente comportamentos ligados aos grandes valores humanos, como a verdade, a beleza e o amor altruísta.

Sim, essas pessoas existem, felizmente! Elas tendem a se multiplicar, à medida que cresce o perigo de extinção da vida sobre o planeta.

Dar a essas pessoas um complemento de formação, que lhes permita transmitir a arte de viver em paz ao mesmo tempo em que se ocupam com o próprio aperfeiçoamento, é o objetivo desta obra e do método que aqui desenvolvemos.

O Processo de Destruição da Paz

Duas guerras mundiais. Hiroshima e Nagasaki. Conflitos no Oriente Médio. Devastação ambiental. Massacres na ex-Iugoslávia. Mortes em massa de crianças esfomeadas na Somália. Os exemplos de nossa tragédia não param de crescer.

É necessário conhecê-los. Mais ainda, é preciso explicar como o homem pôde ir tão longe, a ponto de colocar em risco a vida sobre o planeta. Precisamos desenrolar o novelo da violência para saber como despertar e reconstruir a paz.

O Paraíso Perdido

Começemos, então, como recomenda o Preâmbulo do Ato Constitutivo da Unesco, por nós mesmos. É no espírito, nos pensamentos e nas emoções que nascem a violência e a guerra. Posteriormente, esse germe se instala em nosso próprio corpo, mais especificamente em nossos músculos.

Para melhor compreender o processo de destruição da paz no ser humano, precisamos voltar aos três planos essenciais, que correspondem, como vimos acima, às três formas de manifestação da energia:

- 1) O *plano mental*, que engloba pensamentos e conceitos.
- 2) O *plano emocional*, que diz respeito aos sentimentos.
- 3) O *plano físico*, que considera exclusivamente o corpo.

No plano mental, forma-se a “fantasia da separatividade”, fenômeno que consiste em crer que o sujeito e o universo não guardam nenhuma relação. Uma experiência simples demonstra como nos julgamos separados, apartados da natureza: peça a alguém que aponte o dedo para onde se encontra a natureza, onde fica o universo.

Você observará que a pessoa imediatamente dirigirá o dedo para fora de si. Ela mostrará árvores, nuvens, estrelas, um cachorro, qualquer coisa, menos o próprio corpo.

Nesse momento, ficará claro que a fragmentação sujeito-natureza é um dos conceitos mais enraizados no homem. Alguns situam a origem desse fenômeno no próprio ato do nascimento, quando o bebê se desliga do útero que o nutre, acalenta e protege.

Na verdade, essa separação é apenas aparente, ilusória. Segundo a Universidade da Costa Rica, em sua Declaração das Responsabilidades Humanas para o Desenvolvimento Sustentável e a Paz (Costa Rica, 1989),

“tudo o que existe faz parte do desenvolvimento de um universo interdependente. Todos os seres pertencem a esse universo, têm uma origem comum e seguem caminhos concomitantes. Conseqüentemente, a evolução e o desenvolvimento de toda a humanidade e de cada ser humano é parte integrante da evolução do universo”.

O problema da “fantasia da separatividade” é que, a partir do momento em que vemos o mundo exterior como algo apartado de nossa própria natureza, começamos a levantar fronteiras imaginárias, a criar limites. Todos os conflitos nascem sobre esses limites fantasiosos do universo.

As conseqüências negativas da “fantasia da separatividade” aparecem também ao buscarmos o prazer, a alegria e a felicidade. De fato, tudo fazemos para viver bem. O problema é que nossa procura sempre começa e termina fora de nós mesmos. É o que podemos denominar de “neurose do paraíso perdido”.

Poucos são os que sabem que esse paraíso se encontra dentro do próprio ser. A paz faz parte dele e caracteriza-se pela leveza do estado de humor ou de consciência.

Por buscarmos no lugar errado, jamais encontramos a verdadeira felicidade, e acabamos nos contentando com arremedios de prazer (uma jóia, um amante, uma boa idéia etc.).

Assim, apegamo-nos com unhas e dentes a objetos, pessoas ou idéias que nos dão a sensação de prazer. E, por dependermos dessas coisas, sempre externas, tememos que alguém as roube de nós.

Tornamo-nos possessivos, egoístas e medrosos. O medo da perda cria emoções destrutivas, como a desconfiança, a inveja, a agressão, o orgulho ferido e a depressão. Caímos em estresse. Sofremos moralmente.

Especialistas de várias áreas já demonstraram os efeitos terríveis do estresse sobre o organismo. Doenças cardiovasculares, estomacais e neurológicas são alguns dos males físicos causados por um espírito doente.

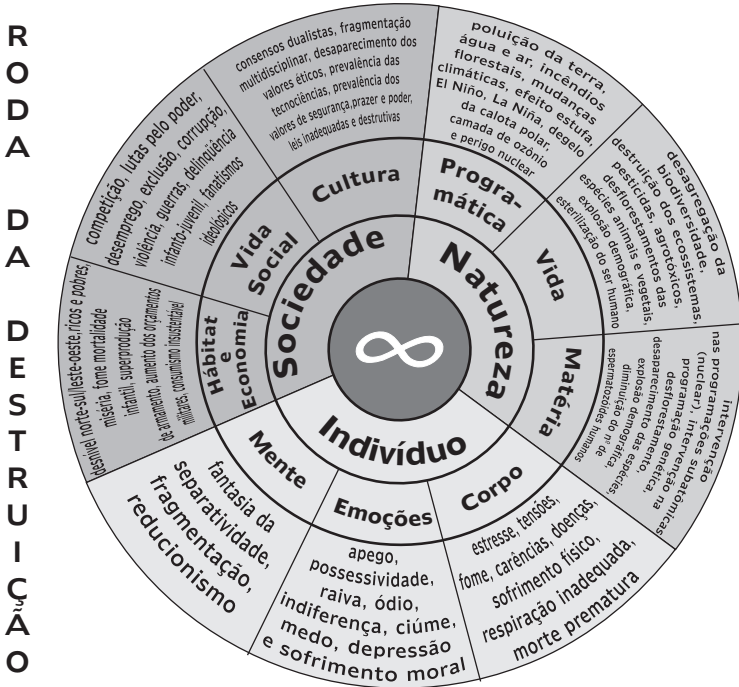
Em busca de alívio para suas dores físicas e psíquicas, o paciente corre atrás de remédios exteriores a si mesmo. O círculo vicioso se fecha e leva à perda da paz interior, interpessoal e social (*ver quadros 5 e 7, nas páginas 54 e 71*).

Metodologia Pedagógica

Curto Prazo

- 1) Começa-se por uma exposição teórica sobre a “fantasia da separatividade”.
- 2) Para demonstrá-la, propõe-se a experiência de mostrar a natureza com o dedo.
- 3) Convida-se o grupo a encenar o seguinte tema:
Um rapaz e uma moça se encontram pela primeira vez. Paixão súbita. Marcam encontro num bar. O encontro é interrompido pela amante do rapaz. Cena de cólera e ciúme. A moça adoece. Sua mãe chama o médico.

Quadro 5



- 4) Propõe-se que o grupo comente a encenação com o apoio do diagrama de blocos que começa na página 57. Os pequenos tópicos e as afirmações curtas que o integram são uma forma amena de apresentar a teoria fundamental do processo de perda da paz.

Cada uma dessas informações constitui uma síntese de pontos de vista teóricos ou experimentais, nos diferentes domínios da ciência e da sabedoria tradicional.

Além de usar essas teses para comentar a encenação, pode-se estudá-las individualmente, dependendo do interesse e do tempo disponível para a aplicação do programa como um todo.

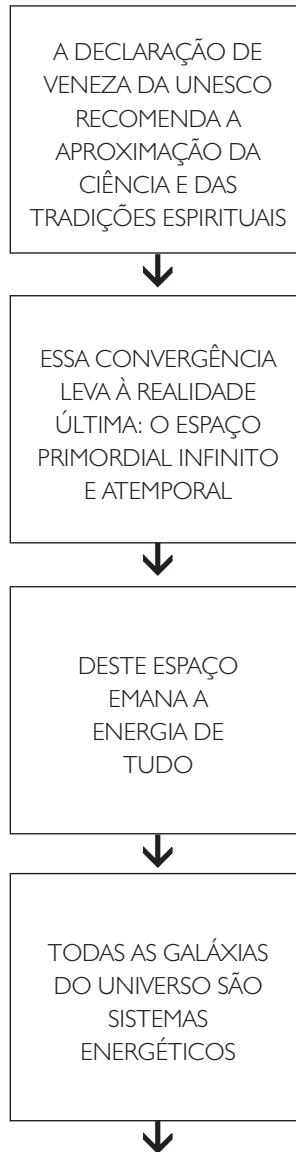
Como método didático, sugerimos que elas sejam apresentadas aos aprendizes (projetadas sobre uma tela ou escritas no quadro-negro, não importa) e discutidas, uma a uma.

1. “A Declaração de Veneza da Unesco recomenda que a ciência se aproxime das tradições espirituais.”
2. “A convergência ciência-espiritualidade poderá levar o homem até as origens do universo.”
3. “Dessas origens emana a energia que molda tudo o que existe.”
4. “Todas as galáxias do universo são sistemas energéticos.”
5. “Essa energia assume três formas inseparáveis: matéria (objeto de estudo da física), vida (objeto de estudo da biologia) e mente (objeto de estudo da informática).”
6. “O homem é parte desse sistema energético.”
7. “O homem é feito de matéria (corpo), vida (emoções), mente (informática). Esses componentes são inseparáveis de tudo no universo.”
8. “Mas, em sua mente, o homem se separa do universo.”
9. “E cria a ‘fantasia da separatividade’: isola-se enquanto espécie do universo. Como indivíduo, separa-se do mundo. Aparta o sujeito e o objeto.”
10. “A mente separa o homem de seus semelhantes e da natureza.”
11. “A mente separa o inseparável: natureza, sociedade e homem.”

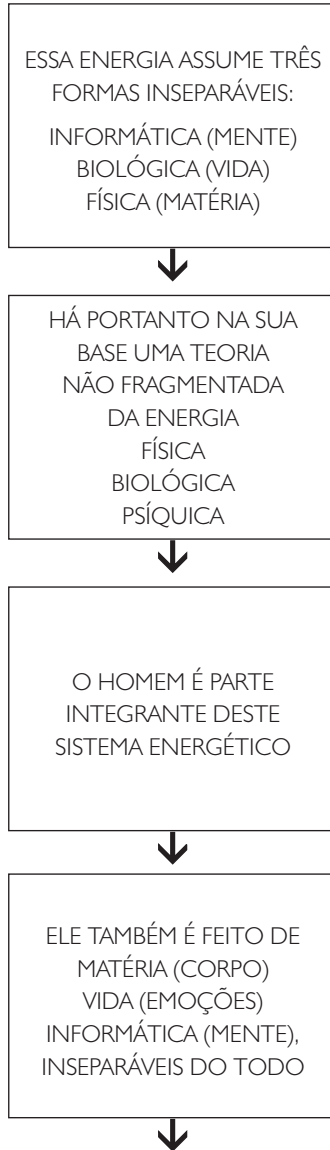
12. “A mente individual se considera separada da mente do universo.”
13. “A mente humana se separa das emoções e do corpo.”
14. “Começa o processo de destruição da ecologia pessoal.”
15. “Separado de si mesmo, o homem gera emoções destrutivas, particularmente o apego e a possessividade em relação a coisas, pessoas e idéias que lhe dão prazer.”
16. “Essas emoções destrutivas causam o estresse, que destrói o equilíbrio do corpo.”
17. “O homem separado de seus semelhantes cria a cultura da violência e uma economia baseada na exploração.”
18. “A fragmentação da pessoa se projeta no conhecimento.”
19. “As condições sociais injustas reforçam o sofrimento do indivíduo.”
20. “A sociedade baseada na exploração do homem pelo homem se estende e atinge a natureza, também explorada desenfreadamente.”
21. “O homem intervém na programação nuclear e genética; destrói ecossistemas e ameaça a vida no planeta.”
22. “O desequilíbrio ecológico da natureza ameaça o equilíbrio humano.”
23. “Monta-se o círculo vicioso, reforçador da autodestruição humana e planetária.”
24. “A educação holística pretende transformar essa energia negativa em formas positivas e regeneradoras.”

(Ver quadros 6 a 6.8, páginas 57 a 64.)

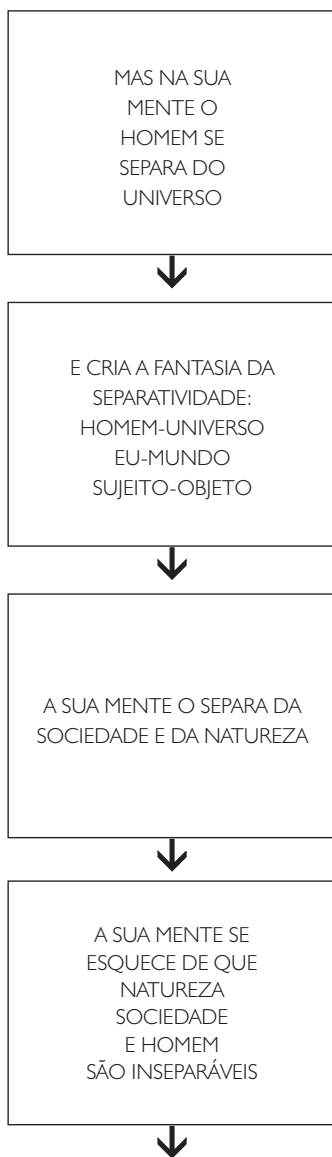
Quadro 6



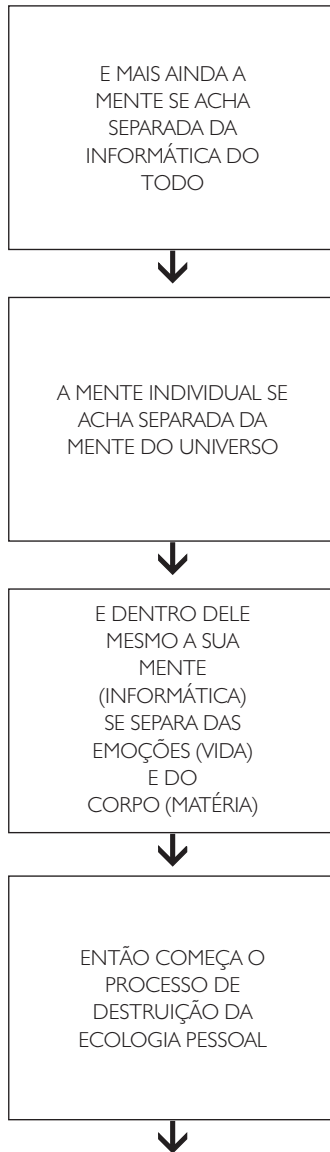
Quadro 6.1



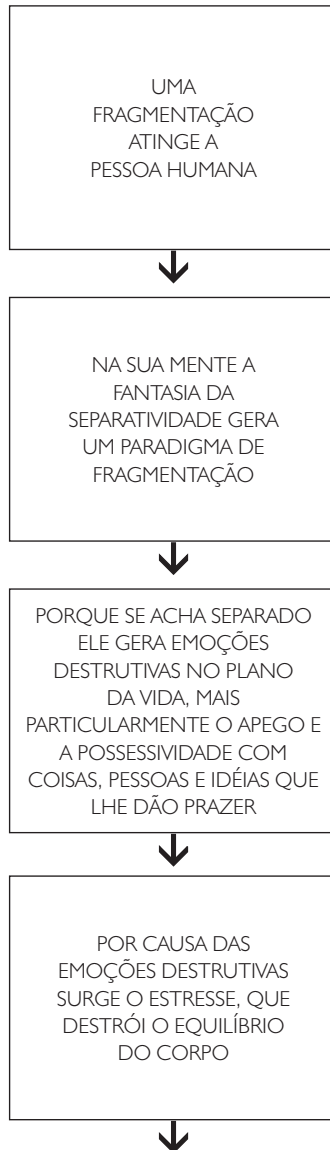
Quadro 6.2



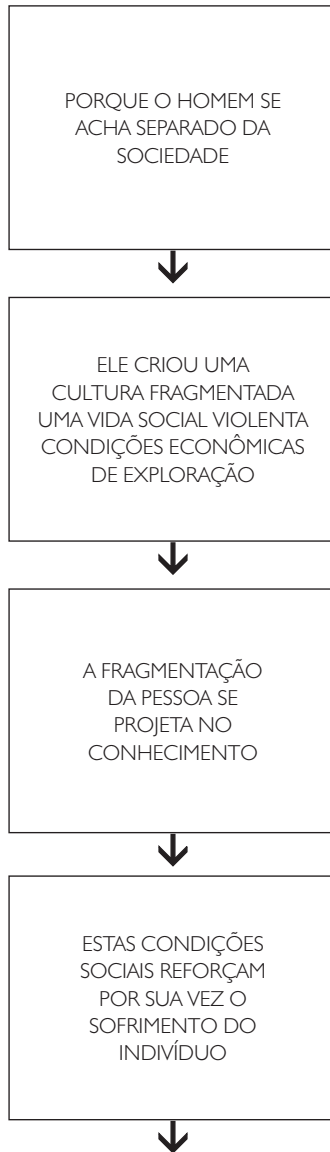
Quadro 6.3



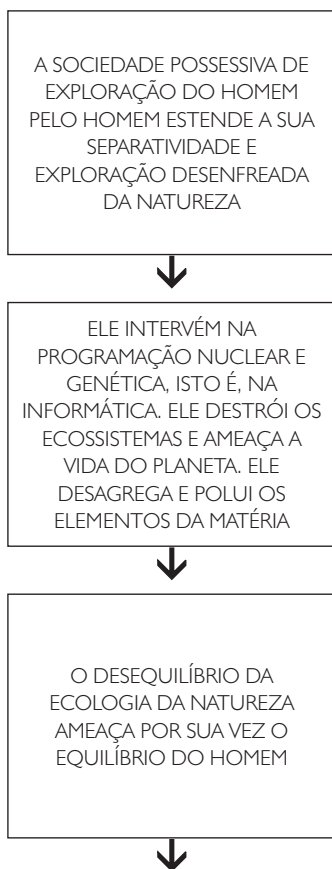
Quadro 6.4



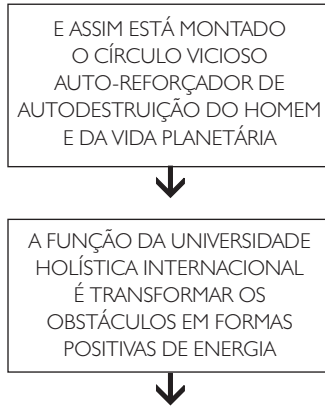
Quadro 6.5



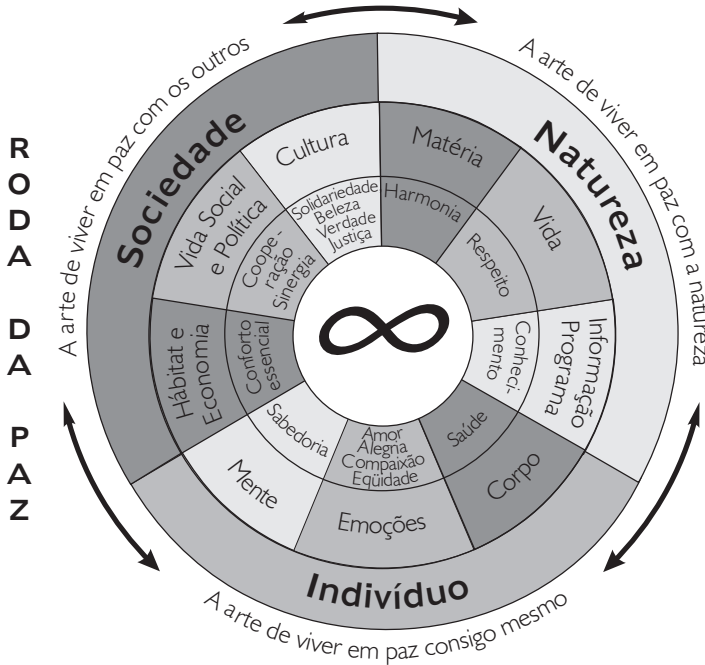
Quadro 6.6



Quadro 6.7



Quadro 6.8



Médio e longo prazos

- 1) Usa-se o programa de curto prazo como introdução, seguido de uma longa exposição e um estudo da teoria fundamental do processo de destruição da paz. Sugere-se uma pesquisa histórica feita em equipe sobre o processo de fragmentação e destruição da paz.
- 2) Propõe-se um jornal mural no qual os aprendizes coletem recortes de revistas e jornais que contenham reportagens sobre as conseqüências do apego e da possessividade na vida individual e coletiva.
- 3) Organiza-se um ciclo de explicações sobre casos pessoais, que ilustrem o círculo vicioso da repetição compulsiva.
- 4) Convida-se um profissional de dinâmica de grupo ou de laboratório de sensibilização para auxiliar na descoberta dos obstáculos interiores à paz no grupo.
- 5) Analisa-se o conflito histórico de um país, aplicando-se o diagrama de blocos citado anteriormente.

Esta fase provoca, em geral, uma motivação muito forte em vários estudantes. Eles freqüentemente ficam ansiosos para encontrar um meio de sair do círculo opressivo. O grupo está, então, pronto para abordar os pontos seguintes do programa: o despertar e o desenvolvimento da paz interior.

O Desenvolvimento da Paz Interior

Como acabamos de ver, podemos distinguir três espaços de paz interior: a paz do corpo, a paz do coração e a paz

de espírito. Ressaltamos, no entanto, que mente, coração e corpo são absolutamente interdependentes.

Se aqui os abordamos separadamente, isso ocorre exclusivamente para fins didáticos de compreensão. Começemos, pois, pela parte material.

A Paz do Corpo

Nosso corpo é um sistema físico, pelo qual circula a energia vital e física. Essa energia tem diferentes denominações, de acordo com a tradição cultural na qual se insere.

Na ioga, fala-se prana. No Tibete, rlung. Pneuma, em grego. Ruach, em hebraico. Khi, para os chineses. Mana, na Polinésia. Wakanda, em Dakota. Ka, no Egito antigo. Espírito, no cristianismo.

Essa energia atravessa canais sutis, desde há muito conhecidos na acupuntura e nas micromassagens chinesa e japonesa. A circulação livre e equilibrada dessa energia corresponde a um estado de harmonia e de paz.

Emoções destrutivas, como as que decorrem da “fantasia da separatividade”, geram nós de tensão muscular mais ou menos crônicos, que bloqueiam a energia. A frequência das crises emotivas determina a intensidade do sofrimento físico e psíquico.

Na psicoterapia e na psicologia, essa energia vital adquire outros nomes. O pai da psicanálise, Sigmund Freud, e seu discípulo (depois dissidente) C. G. Jung chamam-na de libido. Reich denomina-a orgone, Bergson prefere élan vital. Krippner opta por energia psicotrônica.

Desbloquear esses nós de tensão e abrandar o que Reich chamou de “couraça de caráter” é o que as tradições e a bioenergética moderna tentam fazer.

A partir do momento em que esses nós são desfeitos, a energia se torna disponível e volta a circular por todo o corpo. Disso resulta um estado de paz e tranqüilidade, que favorece o surgimento de uma consciência mais ampla e uma situação de harmonia corpo-espírito.

Os métodos para restaurar a circulação plena de energia pelo organismo são vários. Entre eles estão: a ioga, sobretudo a hatha-ioga; o tai chi chuan, que é uma espécie de dança lenta; as lutas marciais não-violentas, como o judô e o aikido japoneses.

A ioga tem inspirado muitas pesquisas médicas de vanguarda, interessadas em compreender como os exercícios respiratórios e os movimentos de relaxamento contribuem para a paz das emoções e do espírito¹.

Um programa visando a experiência pessoal da paz deve começar, inevitavelmente, pelo relaxamento, por meio das técnicas disponíveis.

A diminuição da tensão muscular e mental apresenta, em seu conjunto, as seguintes vantagens:

- 1) Dá uma base corporal harmoniosa.
- 2) Se praticada todas as manhãs, proporciona um dia tranqüilo.
- 3) Contribui para a manutenção da saúde.

1. SHULZ, J. H. *Le training autogène*. Paris: PUF, 1965. CAYCEDO, A. *L'avenir de la sophrologie*. Paris: Retz, 1979.

- 4) Ajuda no tratamento médico de um grande número de doenças de fundo psicológico.
- 5) Alivia ou mesmo elimina rapidamente estados de nervosismo ou tensão.
- 6) Combate a insônia.
- 7) Evita a sonolência durante o dia.
- 8) Libera a criatividade.
- 9) Possibilita o ingresso em outros estados de consciência.
- 10) Prepara para a meditação.

Uma dieta sã e equilibrada permite reforçar a paz do corpo. A ioga, por exemplo, ensina-nos que há três tipos de alimentos:

- 1) *Os pesados*: favorecem o torpor e a passividade.
- 2) *Os energizantes*: provocam agitação e atividade física.
- 3) *Os equilibrados*: facilitam a harmonia e a paz interior.

A ioga recomenda uma alimentação natural e vegetariana, com reforço no consumo de cereais integrais. É interessante notar que a simples redução do consumo de carne permitiria ampliar as superfícies agrícolas a tal ponto que se poderia eliminar a fome nos países subdesenvolvidos².

A Paz do Coração

Como já afirmamos, o aspecto afetivo e emocional da paz é muitas vezes esquecido nas pesquisas e práticas educativas. Prefere-se, quase sempre, estudá-la sob um ponto de vista puramente intelectual.

Ora, é evidente que sentimentos e emoções desempenham um papel fundamental como fatores de paz interior e social. Afinal, o que é a paz de espírito senão um estado de harmonia e plenitude, no qual os sentimentos de alegria e amor podem expressar-se livremente?

Como estabelecer a paz ao nível dos sentimentos? Eis uma questão essencial.

Diferentes respostas foram dadas. Cada uma preconiza um método. Alguns são bastante simples e podem ser praticados por todo o mundo. Outros necessitam da assistência de um mestre ou de um terapeuta, de acordo com a cultura em que se realizam.

Inúmeros estudos e pesquisas comparativas vêm sendo feitos para saber quais os métodos mais eficazes. Mas há certo consenso em torno da opinião de que a capacidade do educador de dar o melhor de si mesmo, sua dedicação e seu amor são tão ou mais importantes que o método propriamente dito. Pode-se também considerar como essenciais a motivação e a dedicação do aprendiz na prática constante dos ensinamentos que obtém.

Distinguem-se duas grandes categorias de métodos: aqueles que têm como ponto de partida as emoções destrutivas, como o ódio e a cólera, e aqueles que tendem a despertar e desenvolver diretamente as emoções construtivas que conduzem à paz.

-
2. *Personnel action guide for the earth*. Santa Monica: United Nations Environment Programme.

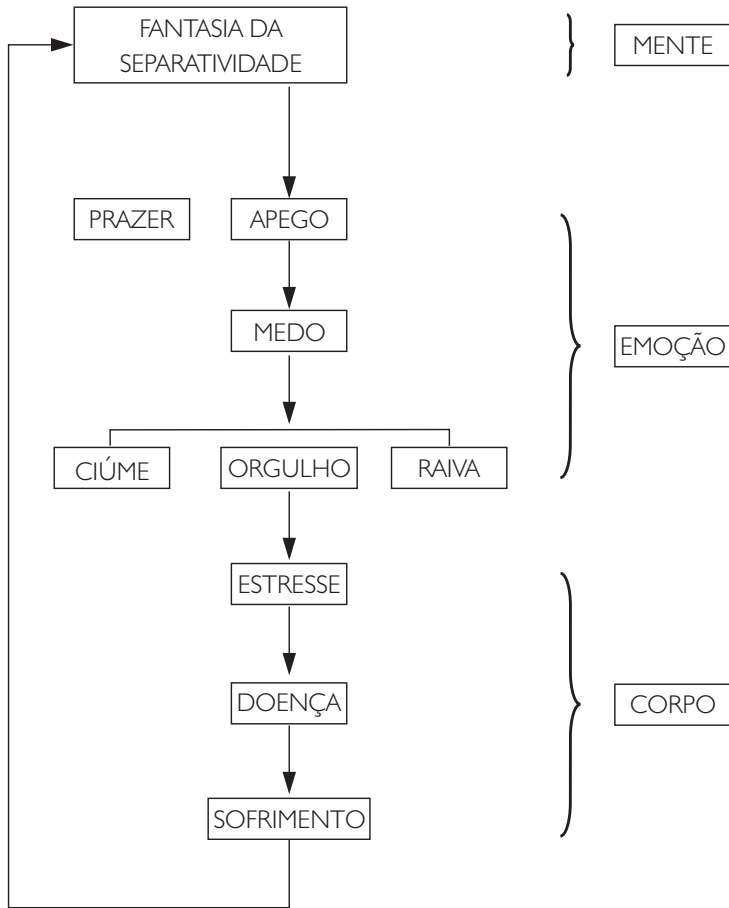
Os Métodos de Transformação Energética

Segundo a tradição iogue, particularmente a tibetana, os fatores destrutivos da paz, ou “venenos”, são ao todo cinco:

- 1) *Indiferença*: caracteriza-se pela frieza emocional diante do sofrimento alheio.
- 2) *Apego*: memória de prazer que leva a um sentimento de posse de objeto, pessoa ou idéia. Escraviza o sujeito porque molda seus comportamentos; ele faz tudo para manter o controle sobre o objeto, por medo de perdê-lo.
- 3) *Cólera*: trata-se de uma espécie de paixão às avessas. Explosão de energias negativas, que impedem a harmonia corporal e espiritual.
- 4) *Ciúme*: conseqüência do sentimento de apego que se manifesta quando o sujeito se sente na iminência de perder o objeto que julga possuir.
- 5) *Orgulho*: como a indiferença, implica uma frieza emocional em face da dor alheia. Sua característica básica consiste no fato de ser causado por um sentimento de auto-suficiência, uma espécie de paixão narcisista ou amor por si mesmo. Simultaneamente, há a sensação de superioridade sobre os outros (*ver quadro 7 na página seguinte*).

Vamos nos ocupar primeiramente dos métodos que têm como ponto de partida essas emoções destrutivas, visando transformá-las ou eliminá-las, sem no entanto reprimi-las.

Quadro 7



1) *A consciência imediata* é a técnica mais simples. Pretende que adquiramos consciência desses sentimentos destrutivos quando eles ainda estão germinando em nosso

coração. Nessa fase, é mais fácil transformá-los em energia construtiva.

O método consiste em reconhecer o mais cedo possível a emoção destrutiva que tenta se apossar de nós.

Em geral, essa identificação ocorre depois que a violência e a agressão já se manifestaram.

Exemplo: na maioria das vezes, só percebemos que ficamos transtornados pela cólera após destruir alguma coisa, magoar alguém, molestar o próprio corpo. Resta, então, admitir que fomos levados pela emoção negativa.

Pelo método da *consciência imediata*, fazemos com que o sujeito perceba quando a cólera, ameaçadora, se aproxima. Essa é a condição ideal. A experiência demonstra que, nesses casos, a agressividade se dissolve e converte-se em sentimentos positivos.

2) O método “*Ahimsa*” (não-violência, em sânscrito) foi cultivado primeiramente por budistas e hindus. Trata-se de um respeito profundo a todas as formas de vida do planeta, concebidas como sagradas.

Gandhi mostrou a força da “*ahimsa*” ao fazer a transposição dessa filosofia milenar para a política e elaborar a teoria da “resistência pacífica”. Por meio dela, uma potência militar como a Inglaterra foi obrigada a se curvar diante de homens descalços e desarmados que pregavam apenas a não-violência e a paz³.

3. VASTO, Lanza del. *Technique de la non-violence*. Paris: Denoël-Gonthier, 1971.

Em 1947, como consequência dessa ação coletiva nacional dirigida pelo mahatma (grande alma), a Índia conseguiu a sonhada independência, livrando-se da dominação européia.

Ainda hoje, a “ahimsa” é praticada por cidadãos de vários países, interessados em conseguir a transformação do ódio em amor.

3) *Os métodos da psicoterapia:* muitas pessoas acreditam que a família e a escola sejam poderosas fontes da perda da paz.

Vários métodos psicoterápicos foram criados com o objetivo de ajudar as pessoas a superar traumas e neuroses gerados, principalmente, no convívio familiar e escolar.

Freqüentemente, as reações violentas da criança não podem se expressar e ficam bloqueadas no corpo e no espírito, até a idade adulta. Represadas inadequadamente, essas energias tendem a explodir de maneira agressiva e compulsiva.

Limitamo-nos a assinalar alguns dos métodos terapêuticos que visam desbloquear e liberar essas reações negativas.

Existem hoje a psicanálise freudiana, a análise junguiana, o psicodrama de Moreno, a gestaltterapia de Fritz Pearl, a orgonoterapia de Wilhelm Reich, a bioenergética de Lowen, o sonho acordado de Desoille, a psicossíntese de Assagioli, a terapia centrada na pessoa de Carl Rogers, a logoterapia de Victor Frankl, a análise transacional de Eric Berne.

O educador da paz não pode assimilar todos esses métodos, nem aplicá-los, pois é um trabalho que demanda longa formação. Mas ele pode submeter-se a um deles ou a vários, aqueles que lhe pareçam mais adequados a suas necessidades.

Isso permitirá que o mestre reconheça melhor as necessidades de seus aprendizes e os encaminhe, se preciso, a um serviço de psicoterapia ou a um terapeuta.

Os Métodos de Estímulo Direto da Paz

As tradições espirituais são unânimes em afirmar que existem, em cada um de nós, funções ou qualidades emocionais diretamente responsáveis pela manutenção da paz interior, social e planetária, que podem ser resumidas em:

- 1) *Alegria*: somos feitos para viver a alegria, sobretudo aquela que sentimos ao ver a felicidade alheia.
- 2) *Amor altruísta*: pode ser definido como o desejo de que a paz e a felicidade se estendam a todo o mundo, seguido da ação que realizará essa meta.
- 3) *Compaixão*: é o desejo de aliviar a dor do outro. Afinal, como podemos viver em paz sabendo que existe sofrimento a nossa volta?

Segundo a Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável (Costa Rica, 1989),

“os sentimentos de altruísmo, compaixão e amor são qualidades intrínsecas a todo ser humano. Elas alimentam o senso de responsabilidade pessoal, social e planetária”.

A universalidade desses três sentimentos é muito importante. Se eles fossem realmente aplicados, haveria ainda guerras e conflitos?

A resposta, obviamente, é *não*. Trata-se, então, de encontrar formas para despertar e cultivar essas qualidades na vida

cotidiana, transformando-a em uma estrada que conduza à paz. Pode-se fazê-lo:

- 1) Por meio do exemplo do educador.
- 2) Por intermédio da definição teórica dessas qualidades, nos termos colocados anteriormente.
- 3) Com o auxílio do método de visualização e de programação direta, proposto da seguinte forma: pedindo aos estudantes que, em estado de relaxamento, imaginem cenas nas quais possam vir a exercer-se nas três qualidades.

A Paz de Espírito

Antes de mais nada, detenhamo-nos um pouco sobre a palavra espírito. Em geral, ela é empregada com dois sentidos diferentes:

- 1) Pode corresponder àquilo que é mental. Significa, nesse caso, o conjunto de funções mentais, como a inteligência, o raciocínio, a percepção e a memória.
- 2) Refere-se a uma forma de energia sutil, denominada por Bergson de energia espiritual. Pode significar, também, o princípio da vida, da consciência e do pensamento, que existe em oposição à matéria. Nesse sentido, o termo está ligado aos valores éticos.

A visão holística ultrapassa de longe esses sentidos. Ela engloba e integra as oposições e dualidades. Graças à teoria não-fragmentada de energia, mesmo a divisão entre matéria e espírito tende a desaparecer.

Eis por que adotamos um sentido mais amplo das palavras “espiritualidade” e “espírito”. Para nós, o homem é uma espécie de transformador de energia, que a converte em suas várias manifestações: matéria, vida e psiquismo. Por esse raciocínio, espírito é a própria energia no seu estado primordial⁴.

Vários dos recursos que vamos sugerir para atingir a paz de espírito já foram mencionados, quando abordamos as formas de obter a paz do corpo e do coração. Isso é bem coerente com a abordagem holística do problema.

O primeiro exemplo é o relaxamento. Bom para a obtenção da paz do corpo, ele também tem repercussão muito positiva na mente e no coração. Na verdade, ele estende seus efeitos benéficos ao pensamento e às emoções.

O objetivo básico é dissolver a “fantasia da separatividade”. Faz-se isso indo além do pensamento, cujo propósito é justamente analisar, classificar e dividir.

Pensamento, inteligência e raciocínio são instrumentos preciosos e indispensáveis à existência cotidiana e à evolução mental. Mas são, também, obstáculos para a evolução em direção à visão holística.

O método ideal para superar a ditadura da razão, integrando harmoniosamente o pensamento às outras formas de energia, é a meditação.

Há muitas definições de meditação. Algumas complicam tanto que tornam a aplicação do método praticamente impossível. Simplificando, meditar é, na verdade, ficar sentado sem fazer nada!

4. BROSE, Th. *La conscience énergie*. Paris: Présence, 1979.

Em outras palavras, trata-se de fazer o contrário do que nossa civilização industrial nos condicionou a fazer: viver fora, dirigir toda a nossa atividade para o mundo exterior e, por isso mesmo, reforçar a “fantasia da separatividade”.

A meditação, ao contrário, joga-nos para dentro. Trata-se de um retorno a si mesmo, de uma volta para nossa casa, para o próprio corpo. Essa aparente inatividade permite-nos uma observação cuidadosa e um espírito de abertura a tudo o que se passa.

Como chegar a esse estágio? Cada um desenvolve sua técnica: há os que se concentram sobre um pensamento ou uma imagem interior; outros preferem prestar atenção em sons ou objetos exteriores, como a luz de uma vela.

Quando se atinge tal condição, a fronteira entre o eu e o mundo se dissolve e, entre outros resultados, a paz interior se estabelece.

Numerosas críticas têm sido feitas ao método por pessoas que tiveram um contato superficial com o assunto ou foram mal orientadas. A principal objeção baseia-se na afirmação de que a meditação é alienante e leva à separação do mundo da produção.

É exatamente o contrário que ocorre. As pesquisas sobre esse assunto mostram que a meditação tem uma ação direta que melhora o nível mental nas seguintes funções: atenção, memória, equilíbrio emocional, sincronização das ondas cerebrais nos dois hemisférios e rendimento nas tarefas. Como ela desperta nossa plena consciência, é o antídoto da alienação.

Penetrar em si mesmo durante cerca de vinte minutos a cada manhã e à noite não significa que a pessoa se isola do

mundo exterior, mas que se esforça para estar mais aberta, mais consciente e menos mecânica que antes. Ou seja, menos alienada.

Os defensores da meditação insistem em não apresentá-la como uma fórmula mágica para acabar com os conflitos. Esclarecem que os problemas continuam a ocorrer como antes, mas podem, com meditação, ser resolvidos de maneira pacífica, amorosa e sábia.

Um espírito sereno, diante de um problema, tem instrumentos para resolvê-lo pacificamente. Almas conturbadas, ao contrário, farão o conflito degenerar em violências e agressões.

A dança, em suas formas meditativas, como é o caso do tai chi chuan, pode ter efeitos benéficos semelhantes. Proveniente do taoísmo, ele continua, na China atual, a ser praticado por milhões de homens e mulheres.

Na África, na Ásia, na América Latina e no Oriente Médio, inúmeras danças rituais que levam ao transe consciente conseguem efeitos idênticos.

Para concluir, as práticas meditativas levam ao que Abraham Maslow denominou de “experiências e estados culminantes”, que desbloqueiam e despertam os grandes valores humanos e espirituais⁵ (*ver quadro 8 na página seguinte*).

Aparentemente maniqueísta, nossa classificação dos valores em comportamentos construtivos e destrutivos não é de maneira alguma uma avaliação absoluta. Sabemos que o novo se constrói a partir da destruição do velho edifício. Em ou-

5. MASLOW, A. *Vers une psychologie de l'òtre*. Paris: Fayard, 1972.

tras palavras, sabemos que há formas destrutivas necessárias à construção da paz e dos estados de harmonia.

Quadro 8

OS VALORES E O COMPORTAMENTO

CENTRO ENERGÉTICO	VALORES	COMPORTAMENTO	
		DESTRUTIVO	POSITIVO
TRANSPESSOAL	RESPEITO BOA VONTADE UNIÃO LEALDADE	FECHAMENTO DIVISÃO JULGAMENTO DESCONFIANÇA	HARMONIA SOLIDARIEDADE SINCERIDADE CONFIANÇA
CONHECIMENTO	SABER CLAREZA VERDADE BELEZA	IGNORÂNCIA MENTIRA DISSIMULAÇÃO	MEDITAÇÃO REFLEXÃO AUTODESCOBERTA
INSPIRAÇÃO	CRIATIVIDADE	IMITAÇÃO	IMAGINAÇÃO INTUIÇÃO CRIAÇÃO
AMOR	ALTRUÍSMO HARMONIA TERNURA	AGRESSÃO EGOÍSMO	COMPREENSÃO EMPATIA AJUDA
PODER	EQUANIMIDADE RESPONSABILIDADE	DOMINAÇÃO DEPENDÊNCIA	COOPERAÇÃO LIBERDADE
SENSUALIDADE	PRAZER	POSSESSIVIDADE APEGO	COMPARTILHAR
SEGURANÇA	DEFESA DO CORPO SAÚDE CONFORTO	VIOLÊNCIA AGRESSÃO MATAR FERIR	NÃO-VIOLÊNCIA CORAGEM PAZ

Metodologia Pedagógica

Sugerimos o seguinte desenvolvimento do conteúdo desta parte do Módulo 3:

Curto prazo

- 1) Motivação inicial dos participantes e criação de um clima caloroso e alegre (dança e perguntas).
- 2) Passado, presente e futuro da humanidade: emprego do método “chuva de idéias” (*brainstorming*), para fazer um balanço do passado e do presente, comparando-os aos desejos para o futuro. O propósito é que os aprendizes tomem consciência da distância enorme que separa os ideais de paz da humanidade e a realidade atual e passada.
- 3) Os obstáculos à paz: breve resumo da teoria fundamental do processo de destruição da paz.
- 4) Ecologia interior:
 - A gênese da “neurose do paraíso perdido”. Demonstração teórica e dramatização (*ver quadro 7 na página 71*).
 - *A paz do corpo*. Relaxamento e conselhos alimentares.
 - *A paz do coração*. Conscientização das emoções destrutivas. Visualização de um novo programa construtivo. As psicoterapias. As qualidades do coração e seu despertar.
 - *A paz de espírito*. Como sair da fragmentação? A dança da vida. A meditação. As experiências culminantes.

Médio e longo prazos

O plano acima pode ser retomado em detalhes com a colaboração de bons profissionais ou mestres das diferentes disciplinas mencionadas no texto: relaxamento, ioga, meditação, tai chi chuan, médicos e terapeutas de diferentes escolas.

Além das psicoterapias, um programa a longo prazo pode ser uma excelente ocasião para fazer uma introdução às tradições espirituais a que se referem a Declaração de Veneza e a Declaração de Vancouver.

A Arte de Viver em Paz com os Outros

Já vimos como o homem em desarmonia cria uma sociedade violenta, doente e destrutiva. Em busca de culpados para a situação, questionamos: quem começou tudo isso, o homem, ao agredir seus semelhantes, ou a sociedade, que castiga sem piedade até mesmo os inocentes?

Pode-se dizer que uma grande parte das atitudes, das opiniões e dos comportamentos aprovados socialmente resulta de consensos paradoxais e geradores da violência.

Entre essas aberrações está o conceito de “guerra justa”, que tem até mesmo um sólido apoio legal. Assim, é “normal” que um exército mate todos os seus inimigos, uma vez declarada a guerra. Mais do que isso: matar torna-se um “direito”! Como consequência, os jovens de todo o mundo aprendem a manusear armas e a assassinar sem piedade.

Consenso análogo reinava em outros tempos a respeito do duelo para “lavar a honra ferida”. Todos concordavam com uma prática hoje considerada cruel, fora de moda e até um

tanto ridícula. A lei acompanhou essa evolução e baniu o costume, tornando-o ilegal.

Os dois exemplos provocam questionamentos em relação à guerra, uma espécie de duelo coletivo. Quando ela também será proscrita? Podemos esperar que o mundo evolua a ponto de banir a violência dos campos de batalha?

É com esse objetivo que trabalhamos. Para tanto, é necessário ajudar a humanidade a sair de sua cômoda “normose”. Só o desenvolvimento da plena consciência impedirá que homens e mulheres se adaptem a normas injustas, violentas e cruéis.

Isso implica um esforço voltado tanto para o plano social quanto para o espírito humano. Se possível, isso deve ser feito simultaneamente.

As Três Manifestações Sociais da Energia

No terreno das ciências sociais, temos uma enorme quantidade de trabalhos de pesquisa e projetos de ação referentes à guerra, à violência e à paz⁶. Vamos classificá-los em função do modelo não fragmentado de energia.

Da mesma forma que nos casos anteriores, ressaltamos que as distinções que faremos aqui entre as três formas sociais de energia servem apenas ao propósito didático. Na verdade, elas são integradas e interdependentes.

6. UNESCO. *Éducation for international cooperation and peace at the primary school level*. Paris: Unesco, 1983. CHRISTOPH, W., et coll. *Handbook on peace education*. Frankfurt: Ipra, 1974. BOULDING, E. *The child and non-violent social change*.

1) *A cultura*: corresponde, no plano social, à inteligência humana. Constitui um conjunto de consensos, opiniões, atitudes, hábitos, sentimentos, pontos de vista, conceitos, estereótipos, preconceitos, comportamentos e leis de determinada sociedade.

Expressa-se por meio da arte em todas as suas formas, do conhecimento científico, da filosofia, dos valores espirituais e religiosos. Transmite-se por instituições sociais, como as mencionadas acima.

2) *Os vínculos associativos*: correspondem, no plano social, à vida para o ser humano. Constituem o conjunto de relações, interações e comunicações entre pessoas, grupos e instituições. Materializam-se em instituições sociais, como a família, a escola, o Estado, a igreja, a empresa, o clube etc.

3) *A economia de bens materiais*: corresponde, no plano social, ao corpo humano. Trata-se da produção, distribuição, consumo, alimentação e circulação de riquezas, entre outros itens. Realiza-se por intermédio do trabalhador isolado ou organizado em empresas privadas e públicas.

A cada forma social de energia correspondem métodos diferentes de educação para a paz. Descreveremos os mais importantes e eficientes, elaborados no curso dos últimos quarenta anos de acelerado desenvolvimento científico e tecnológico.

Podemos distinguir três modalidades de educação social para a paz:

- 1) A educação cultural para a paz.
- 2) A educação social para a paz.
- 3) A educação econômica para a paz.

Seguem alguns comentários essenciais sobre cada uma.

A educação cultural para a paz

Como o demonstra Johan Galtung⁷, trata-se de transformar valores. Não é uma tarefa simples, porque conceitos, opiniões e sentimentos são gravados profundamente em nossa consciência desde a primeira infância.

Assinalemos, então, as principais ações pedagógicas em curso ou recomendadas atualmente:

1) *O ensino e a difusão da Carta Internacional dos Direitos do Homem*⁸: a Organização das Nações Unidas vem fazendo um enorme esforço pedagógico para difundir os valores relativos aos direitos humanos em todos os países do mundo.

Incluída nesse esforço, a Unesco publicou em 1986 um guia para o ensino dos direitos do homem em todos os níveis e em todas as formas de educação.

No editorial da publicação⁹, G.B. Kutukdjian nos dá um apanhado geral das “grandes lições a serem tiradas dos trabalhos pedagógicos dos últimos anos” e afirma que “talvez os direitos do homem devam ser uma disciplina suplementar a

-
7. GALTUNG, J. *On peace education in handbook of peace education*. Frankfurt-Oslo: IPRA, 1974.
 8. *Droits de L’Homme – La Charte Internationale des Droits de L’Homme*. Nova York: ONU, 1988.
 9. *Enseignement des droits de l’homme*. Paris: Unesco, 1986. Kutukdjian, G.B. “Editorial”, pp. 1-2.

acrescentar aos currículos escolares”. Segundo ele, essa nova disciplina seria formada por verdadeiras “aulas de liberdade e democracia”.

2) *A educação pela paz na mídia*: a imprensa (jornais, revistas, rádio, TV) e a publicidade são veículos de grande força para a difusão dos valores da paz. No entanto, os meios de comunicação vêm sendo usados de forma totalmente diferente.

Vários especialistas acreditam que a veiculação de mensagens violentas contribui para tornar o mundo mais feroz. Apesar disso, há educadores pesquisando seriamente formas pelas quais a mídia poderia se transformar num instrumento de paz.

Numerosos estudos já foram feitos sobre o papel educativo que TV, jornais e publicidade deveriam assumir. Todos eles partem do princípio de que a mídia tem um poder de convencimento extraordinário que deve ser trabalhado para fortalecer as energias positivas. Uma síntese desses dados pode ser encontrada na publicação da Unesco *A educação nas mídias*¹⁰.

Na sua introdução a uma publicação da Unesco, George Gerner declara: “A violência e o terror na mídia dão às relações sociais uma imagem conflitiva. Mostram como a força pode ser empregada para dirigir, isolar, dominar, provocar ou destruir. Algumas pesquisas citadas demonstram que a porcentagem do conteúdo de violência aumentou consideravelmente nas cenas de TV, atingindo mais da metade dos programas”¹¹.

10. GERNER, G. *Violence et terreur dans les médias*. Paris: Unesco, 1989.

11. UNESCO. *L'éducation aux médias*. Paris: Unesco, 1984.

É possível reaproximar a educação dos meios de comunicação¹². Tudo indica que isso esteja ocorrendo em inúmeros países. Ao menos é o que se deseja.

3) *Outras propostas pedagógicas*: o assunto da educação para a paz é vastíssimo, e as perspectivas, inúmeras. Para o objetivo desta obra, vamos nos contentar, por ora, em citar as mais importantes experiências.

- Formação e fomento de bibliotecas dedicadas ao tema da paz e introdução do assunto nos acervos já existentes.
- Inclusão da educação jurídica para a paz nas faculdades de Direito.
- Estudo e difusão de uma história mundial da paz, de modo a equilibrar a tendência dos manuais escolares, que privilegiam os relatos de batalhas, massacres, vitórias e derrotas.
- Desenvolvimento de uma cultura holística nas empresas e organizações governamentais e não-governamentais, a começar pelos órgãos da ONU. Essa cultura deverá levar igualmente em consideração o ser humano, a produção e o meio ambiente, indispensáveis à paz.
- Educação dos militares para a paz com a introdução, nas academias militares, de disciplinas ligadas ao papel dos exércitos na preservação da paz¹³.

12. OUCHON, M. “Éducation et médias de masse: contradictions et convergences”. *Rivista Perspectives*, número 52, jan.-mar., 1982.

13. Conclusão do Seminário “Militares pela Paz”, realizado em abril de 1990, na Fundação Cidade da Paz/Universidade Holística Internacional de Brasília.

- Educação para o desarmamento, uma outra face da questão precedente. Torna-se importante que os estudantes desenvolvam um senso crítico em relação à violência. A meta é que eles questionem os arsenais existentes e a própria instituição da guerra.

A educação social para a paz

A instauração de uma vida social pacífica depende, como já vimos, da educação individual para a paz. Mas isso não basta. É necessária uma ação direta sobre as relações humanas interpessoais, inter e intragrupais e internacionais.

Inúmeros métodos foram elaborados a esse respeito, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Citemos alguns:

- *A dinâmica de grupo sob suas diferentes formas*: T-Group, laboratórios de sensibilização das relações interpessoais, laboratórios intergrupais, liderança de reuniões, treinamento de liderança. Seu principal objetivo é identificar e tratar os obstáculos à comunicação e as causas do conflito.
- *Psicodrama, Sociodrama, Dramatização e Sociometria*: métodos criados por J.L. Moreno cujas aplicações para a educação social da paz são apreciáveis.
- *Jogos de estratégias da paz*: atividades não-competitivas que estimulam a cooperação. Baseiam-se na elaboração de estratégias internacionais que permitem alcançar a paz e prever, em certa medida, as reações dos adversários.
- *Artes marciais, aikido e judô do Japão*: desenvolvem o espírito pacífico e o respeito para com o adversário,

assim como a sensibilidade energética intra e interpessoal.

- *Estudos interpartidários*: são ações que podem desenvolver-se à base de simpósios e reuniões. Nelas, os políticos estudariam juntos os valores que poderiam ajudá-los a se unir, além das diferenças ideológicas.
- *Reuniões, conferências e seminários inter-religiosos*: vêm acontecendo com mais frequência nos últimos trinta anos. Aproximam e estimulam a compreensão entre os representantes das diversas tradições espirituais.

A educação econômica para a paz

Enquanto reinarem a miséria, a fome, a doença, a mortalidade infantil, a superpopulação e o abandono de milhões de crianças nas ruas, não poderá haver paz. Nem em nossa consciência, nem nas relações nacionais e internacionais.

De fato, por razões que não nos cabe avaliar aqui, mas que encontram sua origem na “fantasia da separatividade” e na possessividade, os regimes econômicos atuais resolveram apenas parcialmente essa questão essencial.

Para que haja possibilidade de educação econômica para a paz, é necessário elaborar uma teoria econômica para a paz, que leve em consideração, simultaneamente, os fatores individuais, sociais e ecológicos. Em suma, precisa-se de uma nova economia holística, que integre e ultrapasse as contribuições positivas dos sistemas econômicos atuais.

Equipes interdisciplinares deveriam reunir-se para fazer recomendações aos diferentes países do mundo. Tais propostas seriam baseadas nos cinco “e” preconizados por Pierre Dansereau: ecologia (meio ambiente), etologia (hábitos e

costumes), economia (produção e ampliação da riqueza), etnologia (diversidade cultural entre os povos) e ética (busca do bem)¹⁴.

Por enquanto, limitamo-nos, neste tópico, às seguintes atitudes:

- Continuar a criticar os aspectos violentos e cruéis dos sistemas econômicos atuais. Praticamente todos os métodos pedagógicos podem ser empregados nesse sentido. Johan Galtung, por exemplo, propõe o emprego da dramatização para viver os efeitos dos diferentes sistemas socioeconômicos.
- Difundir e encorajar os movimentos e atitudes para corrigir a situação atual. Entre eles, podemos citar:

1) *A simplicidade voluntária*: movimento iniciado por Schumacher em seu livro *Small is Beautiful*¹⁵ e ampliado sob esse título por Duane Elgin¹⁶. O autor do termo, Richard Gregg, definiu-o da seguinte maneira: “Simplicidade voluntária significa pureza de intenções, sinceridade e honestidade interior. Visa pôr ordem na energia e nos desejos, para assegurar maior abundância de vida. Implica organizar deliberadamente a vida para fins significativos”.

14. DANSEREAU, P. *La terre des hommes et le paysage intérieur*. Quebec: Lemeac, 1973.

15. SCHUMACHER, E. F. *Small is beautiful*. Paris: Seuil, 1963.

16. ELGIN, D. *Voluntary simplicity*. Nova Jersey: William Morrow, 1988.

- 2) *O conforto essencial*: não é simples definir o conforto essencial, porque ele depende do nível econômico de cada população. Um indiano terá necessidades básicas muito diferentes das de um europeu.

Sobre um ponto, no entanto, há acordo: é essencial garantir a sobrevivência do homem. Assim, todos os seres humanos precisam — no mínimo — de alimentos suficientes para manter a saúde, vestimentas e moradia para se proteger das intempéries.

Os países desenvolvidos podem ser educados para ajudar o Terceiro Mundo a atingir pelo menos esse mínimo. Ao mesmo tempo em que se suprem necessidades básicas, reforça-se a tese da simplicidade voluntária e se combatem a alienação e a indiferença, muito generalizadas no nosso tempo.

Só o futuro poderá responder se essas medidas contribuirão para um menor consumo nos países desenvolvidos, em benefício do aumento do conforto essencial no Terceiro Mundo. É esse, aliás, o espírito do Relatório Brundtland das Nações Unidas, que prega o desenvolvimento sustentável como única forma de salvar o planeta.

Metodologia Pedagógica

Curto prazo

Nos itens a seguir, relacionados a consulta ao livro deverá ocorrer somente após as aulas expositivas e as experiên-

cias práticas propostas e visará ao aprofundamento do conteúdo vivenciado.

A recomendação visa garantir um maior impacto da abordagem holística sobre os aprendizes, porque os submeterá ao chamado “efeito surpresa”. Outra vantagem decorre do fato de algumas técnicas só surtirem efeito se aplicadas por grupos de educadores. O contato puramente intelectual com esses conteúdos, portanto, ou peca pela inutilidade ou, na pior das hipóteses, é francamente contra-indicado.

- 1) A paz com os outros: o que é? (Exposição e debate.)
- 2) Como acontece o processo de destruição da ecologia social? (Exposição e debate.)
- 3) Breve discussão sobre o processo de destruição da harmonia interior e suas repercussões sobre a harmonia social. Comenta-se a destruição da paz no plano da cultura, da sociedade e da economia.
- 4) Experiência de dinâmica de grupo sobre os conceitos e preconceitos culturais: o que divide e o que une o grupo.
- 5) A reconstrução da paz na sociedade (exposição e debate).

A partir deste tópico, indica-se a leitura prévia, seguida de discussão:

- 1) O conforto essencial.
- 2) A simplicidade voluntária.
- 3) A nova motivação profissional.
- 4) As causas da guerra e da paz.
- 5) A educação para a paz.

- 6) A interação espiritual (experiência de grupo).
- 7) A Carta Internacional dos Direitos do Homem.
- 8) Os valores universais.

Médio e longo prazos

A colaboração de psicossociólogos, sociólogos, antropólogos e economistas será de grande utilidade ao desenvolvimento deste conteúdo.

Propomos a mesma programação indicada para o curto prazo, complementando-a com palestras dos profissionais anteriormente citados e com discussões sobre a seguinte bibliografia auxiliar:

- 1) M'BOW, Mamadou-Mahtar *et coll.* *Consensus and peace*. Paris.
- 2) DIVIER, Pierre-François. *Guide pratique de la paix mondiale*. Marval, 1985.
- 3) FERENGE, B.B.; KEYES Jr., Ken. *Planethood ou les citoyens du monde*. Prefácio de Robert Muller. Quebec: Knowlton, 1989.
- 4) MARQUIER, Dumont, A. *Le défi de l'humanité*. Quebec: Knowlton.
- 5) *Unesco yearbook on peace and conflict studies*. Paris: Unesco.

A Arte de Viver em Paz com a Natureza

A natureza é uma expressão da energia universal. Como seres humanos, somos parte dela ao mesmo tempo em que ela é parte de nós. Em outras palavras, integramos a natureza ao mesmo tempo em que ela nos integra.

Isso parece muito simples. Mas não é! A “fantasia da separatividade” separou-nos do universo e nos transformou nos principais adversários da vida sobre o planeta.

A arte de viver em paz com o meio ambiente consiste, então, em tornar o ser humano consciente de que ele é parte indissociável da natureza. O objetivo é restabelecer uma visão holística cósmica (transpessoal e universal). Trata-se do último estágio de uma escalada evolutiva que começou pela consciência pessoal egoísta, passou pelo plano social e atingiu a dimensão planetária.

Por uma Pedagogia Ecológica

A pedagogia ecológica pretende sensibilizar o homem para o fato de que não há fronteiras reais entre a sua natureza e a do universo. É a mesma energia em formas distintas, como já vimos antes.

Quando a humanidade se der conta desse fato, ela se empenhará na preservação do meio ambiente. Pois perceberá que, se não o fizer, estará matando os próprios descendentes, meninos e meninas que não suportarão a atmosfera poluída, os rios, lagos e oceanos mortos.

Fixada a meta essencial de uma pedagogia ecológica, vejamos como realizá-la.

Como já fizemos anteriormente, desenvolveremos esse conteúdo a partir das três grandes manifestações da energia no plano da natureza: a matéria, a vida e a informação.

Já sabemos que essas manifestações são indissociáveis, simples variações da mesma energia primordial. Assim, a vida abriga-se na matéria, que serve de suporte à informação.

Como exemplo desse tripé energético, tomemos o caso de uma árvore qualquer. A vida desse vegetal manifesta-se pelo fato de ela nascer, crescer, reproduzir-se e, mesmo, morrer.

Mas essa vida aloja-se em uma estrutura material, composta, nesse caso, de celulose, clorofila, sais minerais, cálcio, gordura e tantas outras coisas que compõem a raiz, o tronco, as folhas, os frutos e as flores.

O aspecto informacional se expressa pelo código genético que as sementes do vegetal carregam. É ele que “informa” às substâncias químicas como elas devem se agrupar para formar uma árvore nova.

Esse mesmo mecanismo ocorre também com o homem: a matéria (carne, ossos, sangue, cartilagens etc.) é, enquanto tal, inerte. A vida, ao se abrigar nesse conjunto de substâncias, torna-o capaz de crescer e se reproduzir.

Os filhos nascem, como se sabe, em decorrência do encontro de um óvulo com um espermatozóide, portadores das informações genéticas necessárias à formação de um novo ser. Nesse sentido, pode-se dizer que a comunicação – em si mesma – é um processo vital, que encontra sua expressão máxima no amor.

Como afirma David Bohm¹⁷, a informação é a expressão das leis da sabedoria, que dão ordem ao universo.

A forma mais direta de atingir a paz consiste em fazer com que cada ser humano constate a identidade existente entre suas estruturas psíquica, vital e física e os sistemas cibernéticos, vitais e materiais do universo.

17. BOHM, David. *La plénitude de l'univers*. Paris: Ed. du Rocher, 1987.

Em suma, cabe propiciar a cada homem a possibilidade de ver que os mundos interior e exterior, o sujeito e o universo nada mais são que manifestações distintas da mesma energia.

Torna-se evidente que todo o trabalho começa por “educar o educador”. É preciso convencê-lo profundamente da necessidade de escapar da “fantasia da separatividade”, na qual a maioria da humanidade está submersa.

Vamos agora nos ocupar desses três aspectos da pedagogia ecológica:

- 1) *A pedagogia ecológica da matéria.*
- 2) *A pedagogia ecológica da vida.*
- 3) *A pedagogia ecológica da informação.*

Começaremos por analisar os ecossistemas, concebidos enquanto manifestações materiais do fluxo de energia num determinado meio ambiente.

Explicando melhor: os animais, as plantas, a atmosfera, o solo e o clima se relacionam todo o tempo. Uns crescem à custa dos outros. Uns se alimentam dos outros. E essa troca de energia acontece dentro de parâmetros muito delicados, que garantem a preservação e a manutenção de todos os componentes originais.

Quebrar o equilíbrio energético de um ecossistema é, por isso, a melhor maneira de destruí-lo, como mostra Pierre Dansereau¹⁸.

18. DANSEREAU, P. *La terre des hommes et le paysage intérieur*. Quebec: Lemeac, 1973.

Simplificadamente, o fluxo de energia ocorre da seguinte forma: as substâncias contidas no solo e na atmosfera são absorvidas pelas plantas. Estas, por sua vez, são consumidas pelos herbívoros. Animais carnívoros devoram os vegetarianos. Ao morrer e se decompor, plantas e animais devolvem ao solo o que dele tomaram para crescer. Para exemplificar a fragilidade desse equilíbrio, tome-se um caso de superpopulação.

Imagine que, no ecossistema citado, os animais carnívoros se multipliquem descontroladamente. A consequência imediata será a diminuição do número de animais herbívoros, que podem até se extinguir. Privados de seu alimento natural, os carnívoros também podem vir a desaparecer desse hábitat.

Os primeiros beneficiários de tal situação serão as plantas, porque ficarão livres dos vegetarianos, que delas se alimentam. Mas elas começarão a se multiplicar descontroladamente. Esgotarão o solo e causarão mudanças climáticas na região.

Como se percebe, a mudança de uma peça no xadrez ecológico causa um sem-número de alterações, e a manutenção das condições do equilíbrio ambiental depende da preservação das relações energéticas entre as várias partes do ecossistema.

Não é difícil fazer com que os estudantes percebam que há vida neles e no universo, e que se trata da mesma vida. Uma análise comparativa da evolução do ser humano, das plantas e dos animais pode reforçar esse trabalho.

Relacionar a informação e a inteligência que regem os ecossistemas ao pensamento e à inteligência humana serve para demonstrar que há uma sabedoria imanente ao homem e à natureza.

Mas, no começo do trabalho de sensibilização, essa tese pode esbarrar em resistências teóricas ou mesmo ideológicas.

Eis por que a demonstração deverá se realizar no plano da observação rigorosa dos fatos.

A cada estudante caberá fazer analogias e tirar conclusões a respeito. O mestre não deve tentar impor crenças por meio de sua força moral ou de coação. O máximo que ele pode pretender é orientar os passos do aprendiz.

Assim, é possível ao educador propor reflexões como: “Medite sobre a realidade de uma semente. Pense sobre como ela não passa de um programa para a construção de uma árvore que não existe ainda. Reflita sobre a semelhança desse processo com um programa de computador, que nada mais é que um conjunto de operações visando à construção de algo que não existe ainda. Agora veja se há analogia entre o programa da semente, ou o de um computador, e a informação contida em um óvulo ou espermatozóide. Vá além. Não seria possível pensar nas leis da física ou naturais como programas que regem a construção do próprio universo?”

A “fantasia da separatividade”, no que diz respeito às relações homem-natureza, pode ser convertida em trabalho de reintegração holística, com a ajuda de uma pedagogia básica que incentive relações harmoniosas com o meio ambiente.

O programa MAB (Men and the Biosphere Programme), da Unesco, é uma fonte de informação para a elaboração desses currículos, além de fornecer métodos de educação e treinamento¹⁹.

Trata-se de provocar uma atitude de respeito profundo por este planeta, mostrando-o como um prolongamento de

19. UNESCO. *Man belongs to the earth*. Paris: Unesco, 1988.

nós mesmos. Essa sensibilização pretende abrir aos seres humanos a idéia de que, entre eles e o cosmos (a Terra incluída), existe um cordão umbilical invisível e imprescindível.

A Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável, da Universidade da Paz da ONU, é um documento que deveria obrigatoriamente fazer parte desse tipo de currículo. Ela fornece apoio teórico e ético a todas as principais idéias que desenvolvemos ao longo deste manual²⁰.

Para encerrar esta obra, gostaríamos de ressaltar que muito do que aqui foi dito pode ser compreendido com o auxílio exclusivo do cérebro. Cuidado! A compreensão racional de nada valerá se os aprendizes não procurarem integrá-la às dimensões do espírito e do coração.

Se, enquanto estudantes, eles se omitirem em relação à necessária superação da “fantasia da separatividade”, continuarão a pensar uma coisa, sentir outra e sonhar com uma terceira. Permanecerão, portanto, imóveis. Paralisados pela contradição.

Acreditamos firmemente que a paz esteja ao alcance da mão, mas é preciso que cada um ache sua resposta para a questão: “O que posso e vou fazer a curto e médio prazos pela paz?”.

Se isso começar a ser feito já, um amanhã sem guerras estará garantido. Por tudo isso, ao trabalho!

20. “Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável”. Costa Rica: Universidade da Paz da ONU, 1989.

Metodologia Pedagógica

Eis o plano e as técnicas que propomos para o bom desenvolvimento da arte de viver em paz com a natureza:

Curto prazo

- 1) O processo de destruição da natureza (exposição verbal).
- 2) O restabelecimento da harmonia com a natureza (exposição verbal).
- 3) A paz com a natureza (exposição verbal).
- 4) A matéria. Viagem pela matéria exterior e interior. Técnicas de visualização sobre os temas da terra, da água, do fogo, do ar e do espaço.
- 5) A vida exterior e interior. De onde viemos, onde estamos, aonde vamos? Uma experiência vivida na natureza, em grupos de duas pessoas.
- 6) A informação, a inteligência exterior e interior. Concentração e reflexão sobre uma semente e sobre o processo de pensamento e criatividade.
- 7) A dissolução da “fantasia da separatividade” (demonstração verbal).
- 8) O que fiz e o que faço atualmente para a paz e o meio ambiente? Cada um faz uma lista de ações passadas e presentes.
- 9) Projeto de contribuição pessoal à paz e ao meio ambiente. É importante que o curso termine com a firme resolução de contribuição à paz e à ecologia e que essa resolução seja reforçada por um projeto pessoal de ação visando a este fim.

Médio e longo prazos

Deve-se acrescentar ao que foi proposto no programa de curto prazo a seguinte relação de atividades:

- 1) Exposição sobre o meio ambiente organizada pelos próprios estudantes.
- 2) Grupos de pesquisas.
- 3) Palestras de ecologistas.
- 4) Projeção de filmes e vídeos sobre a devastação ambiental e soluções efetivas para esse problema.
- 5) Excursões e viagens em grupo.

Conclusão

Para terminar eu gostaria de sair do estilo acadêmico deste livro para entrar em contato direto com o coração do leitor.

Esta obra constitui na realidade uma síntese de tudo o que aprendi de essencial em toda a minha existência, sobre uma nova maneira de viver, e de viver em paz.

Pois o que me levou pessoalmente a escrever esta obra é uma longa história que reflete a crise que estamos vivendo, em que há cada vez mais violência, que por sua vez é o reflexo de uma crise que afeta a nossa juventude e seus pais: uma crise do sentido da existência.

Apesar de já ter escrito esta minha história em dois livros, *A revolução silenciosa e lágrimas de compaixão*, apresento aqui um resumo para aqueles que não os leram.

Eu mesmo passei por uma crise desta e aprendi a duras penas que crise não é coisa ruim – depende do que a gente faz dela. Pode ser uma grande oportunidade para evoluir e se transformar.

Aos 33 anos, eu me encontrava, apesar da idade, no auge do sucesso. Tinha tudo e mais do que jamais sonhara ter: cargos, dinheiro, fama, livro best-seller na lista do jornal *O Globo*, consultório de psicologia montado, dava entrevistas à TV, era professor de universidade.

E me sentia profundamente infeliz, a ponto de desabar em choro, dominado pelo tédio, no meio de uma praça vazia, num domingo vazio, e eu mesmo vazio. Mais tarde descobri que tinha conjugado o verbo ter sob todas as modalidades, o que me haviam ensinado. Mas ninguém me passou a maneira de Ser, nem meus pais, nem meus professores de jardim, primário, secundário ou superior. Ninguém me comunicou o que é essencial e o que é acessório.

A crise me levou a um câncer; fui operado, fiz radioterapia e meu médico me informou que eu precisava esperar cinco anos para saber se estava curado ou não. Foi aí que vieram a tona as grandes questões da existência: o que é que eu faço aqui nesta Terra? Eu tenho algum papel, alguma missão? E depois da morte, o que é que tem?

Essas perguntas me levaram a procurar e encontrar caminhos para respostas e saída da crise. Resolvi fazer psicanálise no divã quatro vezes por semana e aprender a praticar ioga. Um caminho ocidental e um caminho oriental. Eu estava fazendo exatamente o que recomendava a Declaração de Veneza da Unesco, em anexo, uns vinte anos depois. Saí da minha crise, descobri minha vocação humanista na psicanálise, e no ioga, funções adormecidas me permitiram ver diretamente a energia, o que mudou minha visão do lugar do ser humano no universo.

Essas experiências foram reforçadas num retiro de três anos de ioga tibetano, onde aprendi muito sobre a tradição do Dalai-Lama.

CONCLUSÃO

É bem verdade que já muito cedo aprendi sobre paz e fronteiras, pois nasci numa família de três religiões em conflito.

E além disso nasci numa fronteira, da França com a Alemanha, em guerras periódicas. Assim, muito cedo aprendi sobre o valor relativo das fronteiras. Na realidade não existe nenhuma fronteira em lugar nenhum; todas as fronteiras são criações da mente humana – logo, não existem. E é em cima de fronteiras que não existem que se fazem as guerras!

É por isso que muito cedo sonhei com um mundo de paz. Já com 8 anos de idade reuni amigos e primos e, com o humor que não me falta, para dirimir os conflitos religiosos da minha família sugeri a criação da associação católica dos judeus protestantes...

Em plena guerra mundial, apresentei-me à guerrilha francesa para expulsar os nazistas. Pediram-me para escolher uma metralhadora, daquelas que foram mandadas por pára-quadras por aviões britânicos. Algo muito forte em mim gritou: Não, não quero matar! E me ofereci para ser enfermeiro da Cruz Vermelha, e, felizmente para mim, nunca matei ninguém. Eu já era não-violento sem conhecer o “ahimsa” de Gandhi: participei ativamente da eliminação dos nazistas, mas sem violência e sem ódio, com amor. Na realidade, nunca consegui odiar os alemães; para mim eram seres humanos como nós.

Um dia eu estava andando nos trilhos de um trem que ia passar cheio de nazistas, e meus companheiros estavam explodindo uma ponte. Então, sonhei, e me vi bem nitidamente no futuro criando uma instituição educacional com todos os métodos modernos de educação a serviço da paz. Eu tinha 18 anos.

E aqui está a realização do meu sonho: a Unipaz instalada em trinta unidades no Brasil e no mundo; o método da

Avipaz em plena aplicação a milhares de pessoas, e o presente livro já em seis línguas.

Isso me dá muita paz e alegria. Mas o que me dá mais felicidade ainda é ouvir declarações entusiasmadas de pessoas que fizeram a Avipaz: “Muito obrigado! É disto que eu precisava! Este seminário está iniciando uma mudança profunda na minha existência; já me sinto outra pessoa!”

Só me resta emitir um voto: que este livro sirva de semente para uma profunda transformação dos seus leitores!

Anexos



Declaração de Veneza

Ciência e as Fronteiras do Conhecimento:
Prólogo do nosso Passado Cultural
Veneza, Itália, 3 a 7 de março de 1986

Em cooperação com a Fondazione Giorgi Cini, a UNESCO promoveu em Veneza, Itália, de 3 a 7 de março de 1986, o simpósio “Ciência e as fronteiras do conhecimento: prólogo do nosso passado cultural”. O simpósio, que reuniu 19 participantes de todo o mundo e de distintas especialidades, culminou com um documento que sintetiza as discussões havidas e passou a ser conhecido como Declaração de Veneza.

Declaração de Veneza

1. Estamos testemunhando uma importante evolução no campo das ciências, resultante das reflexões sobre ciência básica (em particular pelos desenvolvimentos recentes em física e em biologia), pelas mudanças rápidas que elas ocasionaram na lógica, na epistemologia e na vida diária mediante suas aplicações tecnológicas. Contudo, notamos ao mesmo

tempo um grande abismo entre uma nova visão do mundo que emerge do estudo de sistemas naturais e os valores que continuam a prevalecer em filosofia, nas ciências sociais e humanas e na vida da sociedade moderna, valores amplamente baseados num determinismo mecanicista, positivismo ou hilismo. Acreditamos que essa discrepância é danosa e, na verdade, perigosa para a sobrevivência de nossa espécie.

2. O conhecimento científico, no seu próprio ímpeto, atingiu o ponto em que ele pode começar um diálogo com outras formas de conhecimento. Nesse sentido, e mesmo admitindo as diferenças fundamentais entre Ciência e Tradição, reconhecemos ambas em complementaridade, e não em contradição. Esse novo e enriquecedor intercâmbio entre ciência e as diferentes tradições do mundo abre as portas para uma nova visão da humanidade e, até, para um novo racionalismo, o que poderia induzir a uma nova perspectiva metafísica.
3. Mesmo não desejando tentar um enfoque global, nem estabelecer um sistema fechado de pensamento, nem inventar uma nova utopia, reconhecemos a necessidade premente de pesquisa autenticamente transdisciplinar mediante uma dinâmica de intercâmbio entre as ciências naturais, sociais, arte e tradição. Poderia ser dito que esse modo transdisciplinar é inerente ao nosso cérebro pela dinâmica de interação entre os seus dois hemisférios. Pesquisas conjuntas da natureza e da imaginação, do universo e do homem poderiam conduzir-nos mais próximo à

realidade e permitir-nos um melhor enfrentamento dos desafios do nosso tempo.

4. A maneira convencional de ensinar ciência mediante uma apresentação linear do conhecimento não permite que se perceba o divórcio entre a ciência moderna e visões do mundo que são hoje superadas. Enfatizamos a necessidade de novos métodos educacionais que levem em consideração o progresso científico atual, que agora entra em harmonia com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo profundo são essenciais.
A UNESCO deve ser a organização apropriada para procurar essas idéias.
5. Os desafios de nosso tempo, o risco de destruição de nossa espécie, o impacto do processamento de dados, as implicações da genética etc. jogam uma nova luz nas responsabilidades sociais da comunidade científica, tanto na iniciação quanto na aplicação de pesquisa. Embora os cientistas não tenham controle sobre as aplicações das suas próprias descobertas, eles não poderão permanecer passivos quando se confrontarem com a aplicação cega dessas descobertas. É nosso ponto de vista que a magnitude dos desafios de hoje exige, por um lado, um fluxo de informações para o público que seja confiável e contínuo e, por outro lado, o estabelecimento de mecanismos multitransdisciplinares para conduzirem e mesmo executarem os processos decisórios.
6. Esperamos que a UNESCO considere este encontro como um ponto de partida e encoraje mais reflexões do gênero num clima de transdisciplinaridade e universidade.

Signatários: A.D. Akeampong (Ghana; físico-matemático); Ubiratan D'Ambrósio (Brasil; educador matemático); René Berger (Suíça, crítico de arte); Nicoló Dallaporta (Itália; físico); Jean Dausset (França; prêmio Nobel de Medicina); Maitraye Devi (Índia; poetisa); Gilbert Durand (França; filósofo); Santiago Genovês (México; antropólogo); Akshai Margalit (Israel; filósofo); Yujiro Nakamura (Japão; filósofo); David Ottoson (Suécia; presidente do Comitê Nobel de Filosofia); Abdus Salam (Paquistão; prêmio Nobel de Física); L.K. Shayo (Nigéria; matemático); Ruppert Sheldrake (Inglaterra; bioquímico); Henry Stapp (EUA; físico); David Suzuki (Canadá; geneticista); Susantha Goonatilake (Sri Lanka; antropologia cultural); Besarab Nicolescu (França; físico); Michel Random (França; escritor); Jacques Richardson (EUA; escritor); Eiji Hattori (UNESCO; chefe do Setor de Informações); V.T. Zharov (UNESCO; diretor da Divisão de Ciências).

Carta da Transdisciplinaridade

Preâmbulo

- Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas e não-acadêmicas conduz a um crescimento exponencial do saber, o que torna impossível uma visão global do ser humano;
- Considerando que somente uma inteligência que leve em consideração a dimensão planetária dos conflitos atuais poderá enfrentar a complexidade do nosso mundo e o desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual da nossa espécie;
- Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante, que só obedece à lógica apavorante da eficácia pela eficácia;
- Considerando que a ruptura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um

novo obscurantismo, cujas conseqüências, no plano individual e social, são incalculáveis;

- Considerando que o crescimento dos saberes, sem precedente na história, aumenta a desigualdade entre os que os possuem e os que deles estão desprovidos, gerando assim uma desigualdade crescente no seio dos povos e entre as nações do nosso planeta;
- Considerando, ao mesmo tempo, que todos os desafios enunciados têm sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário dos saberes pode conduzir, a longo prazo, a uma mutação comparável à passagem dos hominídeos à espécie humana;
- Considerando os aspectos acima, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento da Arrábida, Portugal, 2 a 7 de novembro de 1994) adotam a presente Carta, entendida como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário desta Carta faz consigo mesmo, livre de qualquer espécie de pressão jurídica ou institucional.

Artigo 1

Toda e qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo no meio de estruturas formais, sejam quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2

O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude

transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a realidade a um só nível, regido por uma lógica única, não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3

A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza da realidade. A transdisciplinaridade não procura a mestria de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa.

Artigo 4

A pedra angular da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta a um novo olhar sobre a relatividade das noções de “definição” e de “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e a absolutização da objetividade, incluindo-se a exclusão do sujeito, conduzem ao empobrecimento.

Artigo 5

A visão transdisciplinar é completamente aberta, pois ela ultrapassa o domínio das ciências exatas pelo seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior.

Artigo 6

Em relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multirreferencial e multidimensional. Leva em consideração, simultaneamente, as concepções do tempo e da história. A transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte transistórico.

Artigo 7

A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência da ciência.

Artigo 8

A dignidade do ser humano também é de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano na Terra é uma das etapas da história do universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade; mas com o título de habitante da Terra ele é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento, pelo direito internacional, dessa dupla condição – pertencer a uma nação e à Terra – constitui um dos objetivos da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9

A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos, às religiões e temas afins, num espírito transdisciplinar.

Artigo 10

Inexiste laço cultural privilegiado a partir do qual se possam julgar as outras culturas. O enfoque transdisciplinar é, ele próprio, transcultural.

Artigo 11

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento.

Artigo 12

A elaboração de uma economia transdisciplinar é fundamentada no postulado segundo o qual a economia deve estar a serviço do ser humano, e não o inverso.

Artigo 13

A ética transdisciplinar recusa toda e qualquer atitude que rejeite o diálogo e a discussão, qualquer que seja a sua origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deve levar a uma compreensão compartilhada, fundamentada no respeito absoluto às alteridades unidas pela vida comum numa só e mesma Terra.

Artigo 14

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação

que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

Artigo Final

A presente Carta da Transdisciplinaridade está sendo adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, não se reclamando a nenhuma outra autoridade a não ser a da sua obra e da sua atividade.

Segundo os procedimentos que serão definidos em acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, a Carta está aberta à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressivas de ordem nacional, internacional e transnacional, para aplicação dos seus artigos nas suas vidas.

Convento da Arrábida, 6 de novembro de 1994

Comitê de Redação

Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.

Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável

Capítulo I – Unidade do Mundo

Artigo 1

Tudo o que existe é parte de um universo interdependente. Todas as criaturas vivas dependem umas das outras para sua existência, bem-estar e desenvolvimento.

Artigo 2

Todos os seres humanos são parte inseparável da natureza e, através dela, a cultura e a civilização humanas têm sido construídas.

Artigo 3

A vida na Terra é diversa e abundante. Ela é sustentada pelo funcionamento harmônico dos sistemas naturais que garantem a provisão de energia, ar, água e nutrientes para

todas as criaturas vivas. Cada manifestação de vida na Terra é única e essencial e deve, portanto, ser respeitada e protegida sem distinção do valor a ser-lhe atribuído pelos seres humanos.

Capítulo II – Unidade da Família Humana

Artigo 4

Todos os seres humanos são parte inseparável da família humana e dependem uns dos outros para a sua existência, bem-estar e desenvolvimento. Cada ser humano é uma única expressão e manifestação da vida e tem sua contribuição individual para manter a vida na Terra. Cada ser humano tem direitos e liberdades inalienáveis e fundamentais, sem distinção de raça, cor, sexo, condições econômicas, origem social e nacional, língua, religião e qualquer ideologia.

Artigo 5

Todos os seres humanos têm as mesmas necessidades básicas e as mesmas aspirações fundamentais a serem satisfeitas. Todo indivíduo tem o direito ao desenvolvimento, a fim de alcançar seu potencial máximo.

Capítulo III – Os Reinvestimentos Alternativos da Humanidade e a Responsabilidade Universal

Artigo 6

Responsabilidade é um aspecto inerente a qualquer relação que envolva seres humanos. A capacidade de agir com

responsabilidade, conscientemente, independentemente e de forma única e pessoal, é uma qualidade criativa e inalienável do ser humano. Não existe limite para essa capacidade senão aquele que ele próprio se impuser. Quanto maior for o número de atividades realizadas e desenvolvidas pelo ser humano, mais ele crescerá e se tornará forte.

Artigo 7

De todas as criaturas vivas, os seres humanos são os únicos que têm a capacidade de decidir conscientemente se estão protegendo ou prejudicando a qualidade e as condições de vida na Terra. Refletindo sobre o fato de que pertencem ao mundo natural e ocupam uma posição especial como participantes na evolução de processos naturais, as pessoas podem desenvolver, com base na compaixão e no amor, um senso de responsabilidade universal para com o mundo como um todo. Isso pode ser realizado com a criação de condições para proteger a natureza e desenvolver o potencial de transformação, que lhes permitirá obter o mais alto nível de bem-estar material e espiritual.

Artigo 8

Neste tempo crítico da História, os reinvestimentos alternativos da humanidade são cruciais. Ao direcionar suas ações para promover o progresso na sociedade, os seres humanos têm frequentemente esquecido a sua condição de seres integrantes do mundo natural e da indivisível família humana e, até, as necessidades básicas para manter uma vida saudável. O consumo excessivo, o abuso em relação ao meio ambiente e a agressão entre as pessoas têm tornado críticos

os processos naturais da Terra, ameaçando a sua sobrevivência. Se refletirem sobre esses problemas, os indivíduos serão capazes de discernir quais as suas verdadeiras responsabilidades e, desta maneira, reorientar sua conduta para a Paz e o desenvolvimento sustentável.

Capítulo IV – Reorientação para a Paz e Desenvolvimento Sustentável

Artigo 9

Dado que todas as formas de vida são únicas e essenciais, que todos os seres humanos têm o direito ao desenvolvimento e que a paz e a violência são produtos da mente humana, é possível, através do senso de responsabilidade, desenvolver na mente humana uma maneira pacífica de pensar e de agir. Se a mente for conscientemente orientada para a paz, ficarão evidentes, para os indivíduos, as condições necessárias para alcançar seu bem-estar e desenvolvimento.

Artigo 10

Os seres humanos necessitam ficar atentos à responsabilidade que têm para com a família humana, o meio ambiente em que se encontram e para consigo mesmos, pensando e agindo pacificamente. Eles têm obrigação de agir de modo coerente, respeitando e praticando os direitos humanos, garantindo que os recursos, em vez de serem gastos com o consumo de supérfluos, sejam utilizados para manutenção e satisfação das necessidades básicas de todos.

Artigo 11

Quando os membros da família humana, como protetores do mundo natural e promotores do seu desenvolvimento contínuo, reconhecerem a sua responsabilidade na conservação do Planeta, terão de agir de maneira racional, de modo a garantir a sua própria sobrevivência e a das gerações futuras, através de uma existência sustentável.

Artigo 12

A partir do momento em que os seres humanos lideram, fazem parte ou representam unidades sociais, associações ou instituições, públicas ou privadas, a responsabilidade que lhes cabe passa a ser contínua. Do mesmo modo, todas essas entidades têm a responsabilidade de promover paz e mantê-la, através da sensibilização das pessoas para: a interdependência entre si mesmas e com a natureza; a responsabilidade universal de resolver os problemas que provocaram, através de atitudes e ações coerentes com a garantia dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

Sejamos fiéis às nossas responsabilidades.



Os Quatro Pilares da Educação*

Jacques Delors

Dado que oferecerá meios, nunca antes disponíveis, para circulação e armazenamento de informações e para a comunicação, o próximo século submeterá a educação a uma dura obrigação que pode parecer, à primeira vista, quase contraditória. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficarem submergidas nas ondas de informações, mais ou menos

* Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. O relatório está publicado em forma de livro no Brasil, com o título *Educação: um tesouro a descobrir* (Unesco, MEC. São Paulo: Cortez Editora, 1999). Neste livro, a discussão dos “quatro pilares” ocupa todo o quarto capítulo, pp. 89-102, que aqui se transcreve, com a devida autorização da Cortez Editora.

efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos. À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Nessa visão prospectiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável a educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo de mudanças.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Mas, em regra geral, o ensino formal orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para o aprender a conhecer e, em menor escala, para o aprender a fazer. As duas outras aprendizagens dependem, a maior parte das vezes, de

circunstâncias aleatórias quando não são tidas, de algum modo, como prolongamento natural das duas primeiras. Ora, a Comissão pensa que cada um dos “quatro pilares do conhecimento” deve ser objeto de atenção igual por parte do ensino estruturado, a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo, no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade.

Desde o início de seus trabalhos que os membros da Comissão compreenderam que seria indispensável, para enfrentar os desafios do próximo século, assinalar novos objetivos à educação e, portanto, mudar a idéia que se tem da sua utilidade. Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordens econômicas), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.

Aprender a Conhecer

Este tipo de aprendizagem que visa nem tanto à aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo

menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repeti-lo, é essencial que cada criança, esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a tornar-se para toda a vida “amiga da ciência”¹. Em nível do ensino secundário e superior, a formação inicial deve fornecer a todos os alunos instrumentos, conceitos e referências resultantes dos avanços das ciências e dos paradigmas do nosso tempo.

Contudo, como o conhecimento é múltiplo e evolui infinitamente, torna-se cada vez mais inútil tentar conhecer tudo e, depois do ensino básico, a omnidisciplinaridade é um engodo. A especialização, porém, mesmo para futuros pesquisadores, não deve excluir a cultura geral. “Um espírito verdadeiramente formado hoje em dia tem necessidade de uma cultura geral vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos. Deve-se, do prin-

1. Relatório da terceira sessão da Comissão, Paris, 12 a 15 de janeiro de 1994.

cíprio ao fim do ensino, cultivar simultaneamente estas duas tendências”². A cultura geral, enquanto abertura de outras linguagens e outros conhecimentos, permite, antes de tudo, comunicar-se. Fechado na sua própria ciência, o especialista corre o risco de se desinteressar pelo que fazem os outros. Sentirá dificuldade em cooperar, quaisquer que sejam as circunstâncias. Por outro lado, a formação cultural, cimento das sociedades no tempo e no espaço, implica a abertura a outros campos do conhecimento, e deste modo podem operar-se fecundas sinergias entre as disciplinas. Especialmente em matéria de pesquisa, determinados avanços do conhecimento dão-se nos pontos de interseção das diversas áreas disciplinares.

Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas. A sucessão muito rápida de informações mediatizadas, o “zapping” tão freqüente, prejudica de fato o processo de descoberta, que implica duração e aprofundamento de apreensão. Esta aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida (jogos, estágios em empresas, viagens, trabalhos práticos de ciências...).

Por outro lado o exercício da memória é um antídoto necessário contra a submersão pelas informações instantâneas difundidas pelos meios de comunicação social. Seria perigoso imaginar que a memória pode vir a tornar-se inútil, devido à enorme capacidade de armazenamento e difusão das informa-

-
2. Conforme Laurent Schwartz: “L’enseignement scientifique” in Instituto de France. *Réflexions sur l’enseignement*. Paris: Flammarion, 1993.

ções de que dispomos daqui em diante. É preciso ser, sem dúvida, seletivo na escolha dos dados a aprender “de cor” mas, propriamente, a faculdade humana de memorização associativa, que não é redutível a um automatismo, deve ser cultivada cuidadosamente. Todos os especialistas concordam em que a memória deve ser treinada desde a infância, e que é errado suprimir da prática escolar certos exercícios tradicionais, considerados como fastidiosos.

Finalmente, o exercício do pensamento ao qual a criança é iniciada, em primeiro lugar, pelos pais e, depois, pelos professores deve comportar avanços e recuos entre o concreto e o abstrato. Também se devem combinar, tanto no ensino como na pesquisa, dois métodos apresentados, muitas vezes, como antagônicos: o método dedutivo por um lado e o indutivo por outro. De acordo com as disciplinas ensinadas, um pode ser mais pertinente do que o outro, mas na maior parte das vezes o encadeamento do pensamento necessita da combinação dos dois.

O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência. Neste sentido, liga-se cada vez mais à experiência do trabalho, à medida que este se torna menos rotineiro. A educação primária pode ser considerada bem-sucedida se conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida, no trabalho, mas também fora dele.

Aprender a Fazer

Aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está mais

estritamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução? É a esta última questão que a Comissão tentará dar resposta mais particularmente.

Convém distinguir, a este propósito, o caso das economias industriais onde domina o trabalho assalariado do das outras economias onde domina, ainda em grande escala, o trabalho independente ou informal. De fato, nas sociedades assalariadas que se desenvolveram ao longo do século XX, a partir do modelo industrial, a substituição do trabalho humano pelas máquinas tornou-se cada vez mais imaterial e acentuou o caráter cognitivo das tarefas, mesmo nas indústrias, assim como a importância dos serviços na atividade econômica. O futuro dessas economias depende, aliás, da sua capacidade de transformar o progresso dos conhecimentos em inovações geradoras de novas empresas e de novos empregos. Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo fabricar alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar.

Da noção de qualificação à noção de competência

Na indústria, especialmente para operadores e os técnicos, o domínio do cognitivo e do informativo nos sistemas de

produção torna um pouco obsoleta a noção de qualificação profissional e leva a que se dê muita importância à competência pessoal. O progresso técnico modifica, inevitavelmente, as qualificações exigidas pelos novos processos de produção. As tarefas puramente físicas são substituídas por tarefas de produção mais intelectuais, mais mentais, como o comando de máquinas, a sua manutenção e vigilância, ou por tarefas de concepção, de estudo, de organização, à medida que as máquinas se tornam, também, mais “inteligentes” e que o trabalho se “desmaterializa”.

Este aumento de exigências de matéria de qualificação, em todos os níveis, tem várias origens. No que diz respeito ao pessoal de execução, a justaposição de trabalhos prescritos e parcelados deu lugar à organização em “coletivos de trabalho” ou “grupos de projeto”, a exemplo do que se faz nas empresas japonesas: uma espécie de taylorismo ao contrário. Por outro lado a indiferenciação entre trabalhadores sucede a personalização das tarefas. Os empregadores substituem, cada vez mais, a exigência de uma qualificação ainda muito ligada, a seu ver, à idéia de competência material pela exigência de uma competência que se apresenta como uma espécie de coquetel individual, combinando a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco.

Se juntarmos a essas novas exigências a busca de um compromisso pessoal do trabalhador, considerado como agente de mudança, torna-se evidente que as qualidades muito subjetivas, inatas ou adquiridas, muitas vezes denominadas “saber ser” pelos dirigentes empresariais, se juntam ao saber e ao saber fazer para compor a competência exigida – o que mos-

tra bem a ligação que a educação deve manter, como aliás sublinhou a Comissão, entre os diversos aspectos da aprendizagem. Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e resolver conflitos tornam-se cada vez mais importantes. E esta tendência torna-se ainda mais forte, devido ao desenvolvimento do setor de serviços.

A “desmaterialização” do trabalho e a importância dos serviços entre as atividades assalariadas

As conseqüências sobre a aprendizagem da “desmaterialização” das economias avançadas são particularmente impressionantes se se observar a evolução quantitativa e qualitativa dos serviços. Este setor, muito diversificado, define-se sobretudo pela negativa, não são nem industriais nem agrícola e, apesar da sua diversidade, têm em comum o fato de não produzirem um bem material.

Muitos serviços definem-se, sobretudo, em função da relação interpessoal a que dão origem. Podem encontrar-se exemplos disso tanto no setor mercantil que prolifera, alimentando-se da complexidade crescente das economias (especialidades muito variadas, serviços de acompanhamento e de aconselhamento tecnológico, serviços financeiros, contabilísticos ou de gestão), como no setor não comercial mais tradicional (serviços sociais, ensino, saúde etc.). Em ambos os casos, as atividades de informação e comunicação são primordiais; dá-se prioridade à coleta e tratamento personalizado de informações específicas para determinado projeto. Neste tipo de serviços, a qualidade de relação entre prestador e usuário depende, também muito, deste último. Compreen-

de-se, pois, que o trabalho em questão já não possa ser feito da mesma maneira que quando se trata de trabalhar a terra ou de fabricar um tecido. A relação com a matéria e a técnica deve ser completada com aptidão para as relações interpessoais. O desenvolvimento dos serviços exige, pois, cultivar qualidades humanas que as formações tradicionais não transmitem, necessariamente, e que correspondem à capacidade de estabelecer relações estáveis e eficazes entre as pessoas.

Finalmente, é provável que nas organizações ultratecnológicas do futuro os déficits relacionais possam criar graves disfunções, exigindo qualificações de novo tipo, com base mais comportamental do que intelectual. O que pode ser uma oportunidade para os não diplomados, ou com deficiente preparação em nível superior. A intuição, o jeito, a capacidade de julgar, a capacidade de manter unida uma equipe não são de fato qualidades, necessariamente, reservadas às pessoas com altos estudos. Como e onde ensinar estas qualidades mais ou menos inatas? Não se podem deduzir simplesmente os conteúdos de formação das capacidades ou aptidões requeridas. O mesmo problema põe-se, também, quanto à formação profissional, nos países em desenvolvimento.

O trabalho na economia formal

Nas economias em desenvolvimento, onde a atividade assalariada não é dominante, a natureza do trabalho é muito diferente. Em muitos países da África subsaariana e alguns países da América Latina e da Ásia, efetivamente, só uma pequena parte da população tem emprego e recebe salário, pois a grande maioria participa na economia nacional de subsis-

tência. Não existe, rigorosamente falando, referencial de emprego; as competências são, muitas vezes, de tipo tradicional. Por outro lado, a aprendizagem não se destina, apenas, a um só trabalho, mas tem como objetivo mais amplo preparar para uma participação formal ou informal no desenvolvimento. Trata-se, freqüentemente, mais de uma qualificação social do que de uma qualificação profissional.

Noutros países em desenvolvimento existe, ao lado da agricultura e de um reduzido setor formal, um setor de economia ao mesmo tempo moderno e informal, por vezes bastante dinâmico, à base de artesanato, de comércio e de finanças, que revela a existência de uma capacidade empreendedora bem adaptada às condições locais.

Em ambos os casos, após numerosas pesquisas levadas a cabo em países em desenvolvimento, apercebemo-nos que encaram o futuro como estando estreitamente ligado à aquisição da cultura científica que lhes dará acesso à tecnologia moderna, sem negligenciar com isso as capacidades específicas de inovação e criação ligadas ao contexto local.

Existe uma questão comum aos países desenvolvidos e em desenvolvimento: como aprender a comportar-se, eficazmente, numa situação de incerteza, como participar na criação do futuro?

Aprender a Viver Juntos, Aprender a Viver com os Outros

Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança

posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o problema e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?

É de louvar a idéia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza, atualmente, a atividade económica no interior de cada país, e sobretudo em nível internacional, tem a tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato, esta competição resulta, atualmente, em uma guerra económica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da idéia de emulação.

Que fazer para mudar a situação? A experiência mostra que, para reduzir o risco, não basta pôr em contato e em

comunicação membros de grupos de diferentes (através de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo). Se, no seu espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer num contexto igualitário, e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até a amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

A descoberta do outro

A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Desde tenra idade a escola deve, pois, aproveitar todas as ocasiões para esta dupla aprendizagem. Algumas disciplinas estão mais adaptadas a este fim, em particular a geografia humana a partir do ensino básico e as línguas e literaturas estrangeiras mais tarde.

Passando a descoberta do outro, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela

família, pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais nada ajudá-los a descobrir a si mesmos. Só então poderão, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. Desenvolver esta atitude de empatia na escola é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida. Ensinando, por exemplo, os jovens a adotar a perspectiva de outros grupos étnicos ou religiosos, podem evitar incompreensões geradoras de ódio e violência entre adultos. Assim, o ensino das histórias das religiões ou dos costumes pode servir de referência útil para futuros comportamentos³.

Por fim, os métodos de estudo não devem ir contra este reconhecimento do outro. Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de desenvolvê-lo, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que funcionam como modelos, com esta sua atitude arriscam-se a enfraquecer por toda a vida nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.

Tender para objetivos comuns

Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos interindividuais tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em

3. CARNEGIE Corporation of New York. *Education for conflict resolution* (Retirado de *Annual report 1994*. David A. Hamburg, presidente da Carnegie Corporation of New York).

alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum, e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram, afinal, em solidariedade através de experiência e do prazer do esforço comum!

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, logo desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações... As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/alunos.

Aprender a Ser

Desde a sua primeira reunião, a Comissão reafirmou, energicamente, um princípio fundamental: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na

juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

O relatório *Aprender a Ser* (1972) exprimia, no preâmbulo, o temor da desumanização do mundo relacionada com a evolução técnica⁴. A evolução das sociedades desde então e, sobretudo, o enorme desenvolvimento do poder midiático vieram acentuar este temor e tornar mais legítima ainda a injunção que lhe serve de fundamento. É possível que no século XXI estes fenômenos adquiram ainda mais amplitude. Mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como autores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter como papel essencial conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.

4. “Risco de alienação da personalidade patente nas formas obsessivas de propaganda e publicidade, no conformismo dos comportamentos que podem ser impostos do exterior, em detrimento das necessidades autênticas e da identidade intelectual e afetiva de cada um. Risco de expulsão pelas máquinas do mundo do trabalho, no qual a pessoa pelo menos tinha a impressão de se mover livremente e de decidir por si própria.”

(FAURE, Edgar e outros. “Apprendre à être”. Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação. Paris: Unesco-Fayard, 1972.

Este imperativo não é apenas a natureza individualista: a experiência recente mostra que o que poderia aparecer, somente, como uma forma de defesa do indivíduo perante um sistema alienante ou tido como hostil é também, por vezes, a melhor oportunidade de progresso para as sociedades. A diversidade das personalidades, a autonomia e o espírito de iniciativa, até mesmo o gosto pela provocação, são os suportes da criatividade e da inovação. Para reduzir a violência ou lutar contra os diferentes flagelos que afetam a sociedade, os métodos inéditos retirados de experiências no terreno já deram prova da sua eficácia.

Num mundo em mudança, da qual um dos principais motores parece ser a inovação tanto social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade; claras manifestações da liberdade humana, elas podem vir a ser ameaçadas por uma certa estandardização dos comportamentos individuais. O século XXI necessita desta diversidade de talentos e de personalidades, mais ainda de pessoas excepcionais, igualmente essenciais em qualquer civilização. Convém, pois, oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descoberta e experimentação – estética, artística, desportiva, científica, cultural e social –, que venham completar a apresentação atraente daquilo que, nestes domínios, foram capazes de criar as gerações que os procederam ou suas contemporâneas. Na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido, em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural. A preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade deveria, também, revalorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança ou do adulto.

Assim a Comissão adere plenamente ao postulado do relatório Aprender a Ser. “O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em volta a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos”⁵. Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Na hipótese de uma experiência profissional de sucesso, a educação como meio para tal realização é, ao mesmo tempo, um processo individualizado e uma construção social interativa.

É escusado dizer que os quatro pilares da educação, acabados de escrever, não se apóiam, exclusivamente, numa fase da vida ou num único lugar. Como se verá no capítulo seguinte, os tempos e as áreas da educação devem ser repensados, completar-se e interpenetrar-se, de maneira a que cada pessoa, ao longo de toda a sua vida, possa tirar o melhor partido de um ambiente educativo em constante ampliação.

Pistas e Recomendações

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

5. *Op. cit.*, p.XVI.

- Aprender a conhecer, combinando uma cultura geral, suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que também significa: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.
- Aprender a fazer, a fim de adquirir não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Mas também aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho que se oferecem aos jovens e adolescentes, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.
- Aprender a viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
- Aprender a ser, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento

de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.

Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz*

Nações Unidas
Assembleia Geral

Distr.
GERAL

A/RES/53/243
6 de outubro de 1999

Quinquagésimo terceiro período de sessões
Tema 31 do programa

Resoluções Aprovadas pela Assembleia Geral
[sem remissão prévia a uma Comissão Principal (A/53/L.79)]

53/243. Declaração e Programa de Ação sobre uma
Cultura de Paz

* Tradução do original em espanhol: Elisabete Santana. Revisão técnica:
Lia Diskin.

A

Declaração sobre uma Cultura de Paz

A Assembléia Geral,

Considerando a Carta das Nações Unidas, incluindo os objetivos e princípios nela enunciados,

Considerando também que na Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura se declara que “posto que as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens onde devem erigir-se os baluartes da paz”;

Considerando ainda a Declaração Universal dos Direitos Humanos¹ e outros instrumentos internacionais pertinentes ao sistema das Nações Unidas,

Reconhecendo que a paz não é apenas a ausência de conflitos, mas que também requer um processo positivo, dinâmico e participativo em que se promova o diálogo e se solucionem os conflitos dentro de um espírito de entendimento e cooperação mútuos,

Reconhecendo também que com o final da guerra fria se ampliaram as possibilidades de implementar uma Cultura de Paz,

Expressando profunda preocupação pela persistência e proliferação da violência e dos conflitos em diversas partes do mundo,

Reconhecendo a necessidade de eliminar todas as formas de discriminação e intolerância, inclusive aquelas baseadas em raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, na origem nacional, etnia ou condição social, na propriedade, nas incapacidades, no nascimento ou outra condição,

1. Resolução 217 A (III).

Considerando sua resolução 52/15, de 20 de novembro de 1997, em que proclamou o ano 2000 “Ano Internacional da Cultura de Paz”, e sua resolução 53/25, de 10 de novembro de 1998, em que proclamou o período 2001-2010 “Década Internacional para uma Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo”;

Reconhecendo a importante função que segue desempenhando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura na promoção de uma Cultura de Paz,

Proclama solenemente a presente Declaração sobre uma Cultura de Paz, com o objetivo de que os Governos, as organizações internacionais e a sociedade civil possam orientar suas atividades por suas sugestões, a fim de promover e fortalecer uma Cultura de Paz no novo milênio:

Artigo 1º

Uma Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados:

- a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação;
- b) No pleno respeito aos princípios de soberania, integridade territorial e independência política dos Estados e de não ingerência nos assuntos;
- c) que são, essencialmente, de jurisdição interna dos Estados, em conformidade com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional;
- d) No pleno respeito e na promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais;
- e) No compromisso com a solução pacífica dos conflitos;

- f) Nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio ambiente para as gerações presente e futuras;
- g) No respeito e promoção do direito ao desenvolvimento;
- h) No respeito e fomento à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens;
- i) No respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação;
- j) Na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações;

e animados por uma atmosfera nacional e internacional que favoreça a paz.

Artigo 2º

O progresso até o pleno desenvolvimento de uma Cultura de Paz se conquista através de valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida voltados ao fomento da paz entre as pessoas, os grupos e as nações.

Artigo 3º

O desenvolvimento pleno de uma Cultura de Paz está integralmente vinculado:

- a) À promoção da resolução pacífica dos conflitos, do respeito e entendimento mútuos e da cooperação internacional;

- b) Ao cumprimento das obrigações internacionais assumidas na Carta das Nações Unidas e ao direito internacional;
- c) À promoção da democracia, do desenvolvimento dos direitos humanos e das liberdades fundamentais e ao seu respectivo respeito e cumprimento;
- d) À possibilidade de que todas as pessoas, em todos os níveis, desenvolvam aptidões para o diálogo, negociação, formação de consenso e solução pacífica de controvérsias;
- e) Ao fortalecimento das instituições democráticas e à garantia de participação plena no processo de desenvolvimento;
- f) À erradicação da pobreza e do analfabetismo, e à redução das desigualdades entre as nações e dentro delas;
- g) À promoção do desenvolvimento econômico e social sustentável;
- h) À eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher, promovendo sua autonomia e uma representação equitativa em todos os níveis nas tomadas de decisões;
- i) Ao respeito, promoção e proteção dos direitos da criança;
- j) À garantia de livre circulação de informação em todos os níveis e promoção do acesso a ela;
- k) Ao aumento da transparência na prestação de contas na gestão dos assuntos públicos;
- l) À eliminação de todas as formas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlatas;
- m) À promoção da compreensão, da tolerância e da solidariedade entre todas as civilizações, povos e cultu-

ras, inclusive em relação às minorias étnicas, religiosas e lingüísticas;

- n) Ao pleno respeito ao direito de livre determinação de todos os povos, incluídos os que vivem sob dominação colonial ou outras formas de dominação ou ocupação estrangeira, como está consagrado na Carta das Nações Unidas e expresso nos Pactos internacionais de direitos humanos², bem como na Declaração sobre a concessão da independência aos países e povos colonizados contida na resolução 1514 (XV) da Assembléia Geral, de 14 de dezembro de 1960.

Artigo 4º

A educação, em todos os níveis, é um dos meios fundamentais para construir uma Cultura de Paz. Neste contexto, a educação sobre os direitos humanos é de particular relevância.

Artigo 5º

Os governos têm função primordial na promoção e no fortalecimento de uma Cultura de Paz.

Artigo 6º

A sociedade civil deve comprometer-se plenamente no desenvolvimento total de uma Cultura de Paz.

Artigo 7º

O papel informativo e educativo dos meios de comunicação contribui para a promoção de uma Cultura de Paz.

2. Resolução 2200 A (XXI), anexo.

Artigo 8º

Desempenham papel-chave na promoção de uma Cultura de Paz os pais, os professores, os políticos, os jornalistas, os órgãos e grupos religiosos, os intelectuais, os que realizam atividades científicas, filosóficas, criativas e artísticas, os trabalhadores em saúde e de atividades humanitárias, os trabalhadores sociais, os que exercem funções diretivas nos diversos níveis, bem como as organizações não-governamentais.

Artigo 9º

As Nações Unidas deveriam seguir desempenhando uma função crítica na promoção e fortalecimento de uma Cultura de Paz em todo o mundo.

107ª sessão plenária
13 de setembro de 1999

B

Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz

A Assembléia Geral,

Tendo em conta a Declaração sobre uma Cultura de Paz aprovada em 13 de setembro de 1999,

Considerando sua resolução 52/15, de 20 de novembro de 1997, na qual proclamou o ano 2000 “Ano Internacional da Cultura de Paz”, e sua resolução 53/25, de 10 de novembro de 1998, na qual proclamou o período 2001-2010 “Década Internacional para uma Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo”,

Aprova o seguinte Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz:

A. Objetivos, estratégias e agentes principais

1. O Programa de Ação constituiria a base do Ano Internacional da Cultura de Paz e da Década Internacional para a Cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo.
2. Estimular aos Estados Membros para que adotem medidas para promover uma Cultura de Paz no plano nacional, bem como nos planos regional e internacional.
3. A sociedade civil deveria participar nos planos local, regional e nacional, com o objetivo de ampliar o alcance das atividades concernentes a uma Cultura de Paz.
4. O sistema das Nações Unidas deveria fortalecer as atividades que realiza em prol de uma Cultura de Paz.
5. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura deveria manter sua função essencial na promoção de uma Cultura de Paz e contribuir para sua construção de forma significativa.
6. Dever-se-iam fomentar e consolidar as associações entre os diversos agentes destacados na Declaração para um movimento mundial para uma Cultura de Paz.
7. Uma Cultura de Paz se promove mediante o intercâmbio de informação entre os agentes sobre as iniciativas com este objetivo.
8. A execução eficaz do Programa de Ação exige a mobilização de recursos, inclusive financeiros, por parte dos governos, das organizações e indivíduos interessados.

B. Consolidação de medidas que adotem todos os agentes pertinentes nos planos nacional, regional e internacional

9. Medidas para promover uma Cultura de Paz por meio da educação:

- a) Revitalizar as atividades nacionais e a cooperação internacional destinadas a promover os objetivos da educação para todos, com vistas a alcançar o desenvolvimento humano, social e econômico, e promover uma Cultura de Paz;
- b) Zelar para que as crianças, desde a primeira infância, recebam formação sobre valores, atitudes, comportamentos e estilos de vida que lhes permitam resolver conflitos por meios pacíficos e com espírito de respeito pela dignidade humana e de tolerância e não-discriminação;
- c) Preparar as crianças para participar de atividades que lhes indiquem os valores e os objetivos de uma Cultura de Paz;
- d) Zelar para que haja igualdade de acesso às mulheres, especialmente as meninas, à educação;
- e) Promover a revisão dos planos de estudo, inclusive dos livros didáticos, levando em conta a Declaração e o Plano de Ação Integrado sobre a Educação para a Paz, os Direitos Humanos e a Democracia³ de 1995, para o qual a Organização das Nações

3. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Atas da Conferência Geral, 28ª reunião, Paris, 25 de outubro a 16 de novembro de 1995*, vol. 1: *Resoluções*, resolução 5.4, anexos.

- Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura prestaria cooperação técnica, se solicitada;
- f) Promover e reforçar as atividades dos agentes destacados na Declaração, em particular a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, destinadas a desenvolver valores e aptidões que beneficiem uma Cultura de Paz, inclusive a educação e a capacitação na promoção do diálogo e do consenso;
 - g) Estimular as atividades em curso das entidades ligadas ao sistema das Nações Unidas a capacitar e educar, quando for o caso, nas esferas da prevenção dos conflitos e gestão de crises, resolução pacífica das controvérsias e na consolidação da paz após os conflitos;
 - h) Ampliar as iniciativas em prol de uma Cultura de Paz empreendidas por instituições de ensino superior de diversas partes do mundo, inclusive a Universidade das Nações Unidas, a Universidade para a Paz e o projeto relativo ao Programa de universidades gêmeas e de Cátedras da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
10. Medidas para promover o desenvolvimento econômico e social sustentável:
- a) Tomar medidas amplas baseadas em estratégias adequadas e objetivos acordados, a fim de erradicar a pobreza, mediante atividades nacionais e internacionais, incluindo a cooperação internacional;

- b) Fortalecer a capacidade nacional para aplicar políticas e programas destinados a reduzir as desigualdades econômicas e sociais dentro das nações, por meio, entre outras coisas, da cooperação internacional;
- c) Promover soluções efetivas, eqüitativas, duráveis e orientadas ao desenvolvimento para os problemas da dívida externa e serviço da dívida dos países em desenvolvimento, por meio, entre outras coisas, da diminuição da carga da dívida;
- d) Fortalecer as medidas adotadas, em todos os níveis, para aplicar estratégias nacionais em prol da segurança alimentar sustentável, inclusive com a elaboração de medidas para mobilizar e aproveitar ao máximo a destinação e utilização de recursos obtidos de todas as fontes, incluindo-se os obtidos com a cooperação internacional, como os recursos procedentes da diminuição da carga da dívida;
- e) Adotar mais medidas que zelem para que o processo de desenvolvimento seja participativo, e para que os projetos de desenvolvimento contem com a plena participação de todos;
- f) Incluir uma perspectiva de gênero e o fomento da autonomia de mulheres e meninas como parte integrante do processo de desenvolvimento;
- g) Incluir nas estratégias de desenvolvimento medidas especiais em que sejam atendidas as necessidades de mulheres e crianças, bem como de grupos com necessidades especiais;

- h) Através da assistência ao desenvolvimento após os conflitos, fortalecer os processos de reabilitação, reintegração e reconciliação de todos os envolvidos no conflito;
 - i) Incluir medidas de criação de capacidade nas estratégias de desenvolvimento dedicadas à sustentabilidade do meio ambiente, incluídas a conservação e regeneração da base de recursos naturais;
 - j) Eliminar obstáculos que impeçam a realização do direito à livre determinação dos povos, em particular dos povos subjugados pela dominação colonial ou outras formas de dominação ou ocupação estrangeira, que afetam negativamente seu desenvolvimento social e econômico.
11. Medidas para promover o respeito a todos os direitos humanos:
- a) Aplicar integralmente a Declaração e Programa de Ação de Viena⁴;
 - b) Estimular a formulação de planos de ação nacionais para promover e proteger todos os direitos humanos;
 - c) Fortalecer as instituições e capacidades nacionais na esfera dos direitos humanos, inclusive por meio das instituições nacionais de direitos humanos;
 - d) Realizar e aplicar o direito ao desenvolvimento estabelecido na Declaração sobre o direito ao

4. A/CONF.157/24 (Parte I), cap. III.

- desenvolvimento⁵ e a Declaração e Programa de Ação de Viena;
- e) Alcançar os objetivos da Década das Nações Unidas para a educação na esfera dos direitos humanos, 1995-2004⁶;
 - f) Difundir e promover a Declaração Universal dos Direitos Humanos em todos os níveis;
 - g) Dar apoio mais significativo às atividades que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos realiza no desempenho de seu mandato, estabelecido na resolução 48/141 da Assembléia Geral, de 20 de dezembro de 1993, bem como as responsabilidades estabelecidas em resoluções e decisões subseqüentes.
12. Medidas para garantir a igualdade entre mulheres e homens:
- a) Integrar a perspectiva de gênero na aplicação de todos os instrumentos internacionais pertinentes;
 - b) Intensificar a aplicação dos instrumentos internacionais em que se promove a igualdade entre mulheres e homens;
 - c) Aplicar a Plataforma de Ação de Beijing, aprovada na Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher⁷, com os recursos e a vontade política

5. Resolução 41/128, anexo.

6. Ver A/49/261-E/1994/110/Add.1, anexo.

7. *Informe da Quarta Conferência Mundial sobre a Mulher, Beijing, 4 a 15 de setembro de 1995* (publicação das Nações Unidas, Nº de venda: S.96.IV.13), cap. I, resolução 1, anexo II.

- que sejam necessários e através, entre outras coisas, da elaboração, aplicação e consecução dos planos de ação nacionais;
- d) Promover a igualdade entre mulheres e homens na adoção de decisões econômicas, sociais e políticas;
 - e) Prosseguir no fortalecimento das atividades das entidades vinculadas ao sistema das Nações Unidas destinadas a eliminar todas as formas de discriminação e violência contra a mulher;
 - f) Prestar apoio e assistência às mulheres que tenham sido vítimas de qualquer forma de violência, inclusive doméstica, no local de trabalho e durante conflitos armados.
13. Medidas para promover a participação democrática:
- a) Consolidar todas as atividades destinadas a promover princípios e práticas democráticos;
 - b) Ter especial empenho nos princípios e práticas democráticos em todos os níveis de ensino escolar, extracurricular e não-escolar;
 - c) Estabelecer e fortalecer instituições e processos nacionais em que se promova e se apoie a democracia por meio, entre outras coisas, da formação de funcionários públicos e a criação de capacitação nesse setor;
 - d) Fortalecer a participação democrática por meio, entre outras coisas, da prestação de assistência a processos eleitorais, a pedido dos Estados interessados e em conformidade com as diretrizes pertinentes às Nações Unidas;

- e) Lutar contra o terrorismo, o crime organizado, a corrupção, bem como contra a produção, tráfico e consumo de drogas ilícitas e lavagem de dinheiro, por conta de sua capacidade de minar/solapar a democracia e impedir o pleno desenvolvimento de uma Cultura de Paz.
14. Medidas destinadas a promover a compreensão, a tolerância e a solidariedade:
- a) Aplicar a Declaração de Princípios sobre a Tolerância e o Plano de Ação de Consecução do Ano das Nações Unidas para a Tolerância⁸ (1995);
 - b) Apoiar as atividades que se realizem no contexto do Ano das Nações Unidas para o Diálogo entre Civilizações, que se celebrará em 2001;
 - c) Aprofundar os estudos das práticas e tradições locais ou autóctones de solução de controvérsias e promoção da tolerância, com o objetivo de aprender a partir delas;
 - d) Apoiar as medidas em que se promovam a compreensão, a tolerância e a solidariedade em toda a sociedade, em particular com os grupos vulneráveis;
 - e) Continuar apoiando a obtenção dos objetivos da Década Internacional das Populações Indígenas do Mundo⁹;

8. A/51/201, apêndice I.

9. Década Internacional das Populações Indígenas do Mundo (1995-2004)

- f) Apoiar as medidas em que se promovam a tolerância e a solidariedade com os refugiados e as populações deslocadas, levando em conta o objetivo de facilitar seu regresso voluntário e sua integração social;
 - g) Apoiar as medidas em que se promovam a tolerância e a solidariedade com os migrantes;
 - h) Promover uma maior compreensão, tolerância e cooperação entre todos os povos, por meio, entre outras coisas, da utilização adequada de novas tecnologias e difusão de informação;
 - i) Apoiar as medidas em que se promovam a compreensão, a tolerância, a solidariedade e a cooperação entre os povos, entre as nações e dentro delas.
15. Medidas destinadas a apoiar a comunicação participativa e a livre circulação de informação e conhecimento:
- a) Apoiar a importante função que os meios de comunicação desempenham na promoção de uma Cultura de Paz;
 - b) Zelar pela liberdade de imprensa, liberdade de informação e de comunicação;
 - c) Fazer uso eficaz dos meios de comunicação na promoção e difusão da informação sobre uma Cultura de Paz, contando com a participação, conforme o caso, das Nações Unidas e dos mecanismos regionais, nacionais e locais pertinentes;
 - d) Promover a comunicação social a fim de que as comunidades possam expressar suas necessidades e participar na tomada de decisões;

- e) Adotar medidas acerca do problema da violência nos meios de informação, inclusive as novas tecnologias de comunicação, entre outras, a Internet;
 - f) Incrementar as medidas destinadas a promover o intercâmbio de informação sobre as novas tecnologias da informação, inclusive a Internet.
16. Medidas para promover a paz e a segurança internacionais:
- a) Promover o desarmamento geral e completo sob estrito e efetivo controle internacional, levando em conta as prioridades estabelecidas pelas Nações Unidas na esfera do desarmamento;
 - b) Inspirar-se, quando procedentes, nas experiências favoráveis a uma Cultura de Paz obtidas de atividades de “conversão militar”, realizadas em alguns países do mundo;
 - c) Destacar como inadmissível a anexação de territórios mediante a guerra, e a necessidade de trabalhar em prol de uma paz justa e duradoura em todas as partes do mundo;
 - d) Estimular a adoção de medidas de fomento da confiança e atividades para a negociação de resoluções pacíficas de conflitos;
 - e) Tomar medidas para eliminar a produção e o tráfico ilícito de armas pequenas e leves;
 - f) Apoiar atividades, nos níveis nacional, regional e internacional, destinadas à solução de problemas concretos que surjam após os conflitos, como a desmobilização e a reintegração de ex-combatentes à sociedade, bem como de refugia-

- dos e populações deslocadas, a execução de programas de recolhimento de armas, o intercâmbio de informação e o fomento da confiança;
- g) Desestimular e abster-se de adotar qualquer medida unilateral que não esteja em consonância com o direito internacional e a Carta das Nações Unidas, e dificulte a obtenção plena de desenvolvimento econômico e social da população dos países afetados, em particular mulheres e crianças, que impeçam seu bem-estar, crie obstáculos para o gozo pleno de seus direitos humanos, incluído o direito de todos a um nível de vida adequado para sua saúde e bem-estar e o direito a alimentos, a assistência médica e serviços sociais necessários, ao mesmo tempo em que se reafirma que os alimentos e medicamentos não devem ser utilizados como instrumento de pressão política;
 - h) Abster-se de adotar medidas de coação militar, política, econômica ou de qualquer outra natureza, que não estejam em consonância com o direito internacional e a Carta, e cujo objetivo seja atentar contra a independência política ou a integridade territorial dos Estados;
 - i) Recomendar que se dê atenção adequada à questão das repercussões humanitárias das sanções, em particular para as mulheres e crianças, com vistas a reduzir ao mínimo as conseqüências humanitárias das sanções;
 - j) Promover uma maior participação da mulher na prevenção e solução de conflitos e, em particu-

- lar, nas atividades em que se promova uma Cultura de Paz após os conflitos;
- k) Promover iniciativas de solução de conflitos, como o estabelecimento de dias de cessar-fogo para a realização de campanhas de vacinação e distribuição de medicamentos, corredores de paz que permitam a entrega de provisões humanitárias e santuários de paz para respeitar o papel fundamental das instituições sanitárias e médicas, como hospitais e clínicas;
 - l) Estimular a capacitação em técnicas de entendimento, prevenção e solução de conflitos, ministradas ao pessoal interessado das Nações Unidas, das organizações regionais vinculadas e dos Estados Membros, mediante solicitação, em conformidade.

107^a sessão plenária
13 de setembro de 1999



Direitos Humanos

Por um Novo Começo – Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência

O ano 2000 precisa ser um novo começo para todos nós. Juntos, podemos transformar a cultura da guerra e da violência em uma cultura de paz e não-violência. Para tanto, é preciso a participação de todos. Assim, transmitiremos aos jovens e às gerações futuras valores que os inspirarão a construir um mundo de dignidade e harmonia, um mundo de justiça, solidariedade, liberdade e prosperidade. A cultura de paz torna possível o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e o crescimento pessoal de cada ser humano.

A Assembléia Geral das Nações Unidas proclamou o ano 2000 como o Ano Internacional por uma Cultura de Paz. A Unesco é a responsável pela coordenação das atividades de comemoração do Ano Internacional por uma Cultura de Paz.

Um grupo de prêmios Nobel da Paz esteve reunido em Paris para a celebração do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e juntos redigiram o “Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência”. Norman Borlaug, Adolfo Perez Esquivel, Dalai Lama, Mikhail Sergeyevich

Gorbachev, Mairead Maguire, Nelson Mandela, Rigoberta Menchu Tum, Shimon Peres, Jose Ramos Horta, Joseph Roblat, Desmond Mpilo Tutu, David Trimble, Elie Wiesel e Carlos Felipe Ximenes Belo estão entre os primeiros cidadãos a assinar o Manifesto 2000.

Junte-se a eles!

O Que é o Manifesto 2000?

O Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não-Violência foi escrito por um grupo de prêmios Nobel da Paz, com o fim de criar um senso de responsabilidade que se inicia em nível pessoal – não se trata de uma moção ou petição endereçada às altas autoridades.

É responsabilidade de cada um colocar em prática os valores, as atitudes e formas de conduta que inspirem uma cultura de paz. Todos podem contribuir para esse objetivo dentro de sua família, de seu bairro, de sua cidade, de sua região e de seu país ao promover a não-violência, a tolerância, o diálogo, a reconciliação, a justiça e a solidariedade em atitudes cotidianas.

O Manifesto 2000 foi lançado em Paris no dia 4 de março de 1999 e está aberto para assinaturas do público geral em todo o mundo. Para assinar, basta acessar o site <http://www.unesco.org/manifesto2000> ou enviar o seu compromisso pessoal a um dos escritórios da Unesco no mundo.

A grande meta é apresentar 100 milhões de assinaturas à Assembléia Geral das Nações Unidas em sua reunião da vira-da do milênio em setembro do ano 2000.

Manifesto 2000 – o Texto

Reconhecendo a minha cota de responsabilidade com o futuro da humanidade, especialmente com as crianças de hoje e as das gerações futuras, eu me comprometo – em minha vida diária, na minha família, no meu trabalho, na minha comunidade, no meu país e na minha região – a:

- Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação ou preconceito;
- Praticar a não-violência ativa, rejeitando a violência sob todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular contra os grupos mais desprovidos e vulneráveis como as crianças e os adolescentes;
- Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais em um espírito de generosidade visando o fim da exclusão, da injustiça e da opressão política e econômica;
- Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, dando sempre preferência ao diálogo e à escuta do que ao fanatismo, à difamação e à rejeição do outro;
- Promover um comportamento de consumo que seja responsável e práticas de desenvolvimento que respeitem todas as formas de vida e preservem o equilíbrio da natureza no planeta;
- Contribuir para o desenvolvimento da minha comunidade, com a ampla participação da mulher e o respeito pelos princípios democráticos, de modo a construir novas formas de solidariedade.



Obras do Autor

1. *ABC das relações humanas* (1954). São Paulo: Ed. Nacional. (Esgotado.)
2. *ABC da psicotécnica* (1955). São Paulo: Ed. Nacional. (Esgotado.)
3. *Relações humanas na família e no trabalho* (1960). Petrópolis: Ed. Vozes, 45ª Ed., 1993.
4. *A criança, o lar, a escola* (1961). Petrópolis: Ed. Vozes, 53ª Ed., 1979.
5. *A sua vida, seu futuro* (1963). Petrópolis: Ed. Vozes, 15ª Ed., 1992.
6. *Amar e ser amado* (1965). Petrópolis: Ed. Vozes, 21ª Ed., 1991.
7. *O corpo fala* (com Roland Tompakow) (1969). Petrópolis: Ed. Vozes, 31ª Ed., 1993.
8. *O psicodrama* (1969), Prefácio de J.L.Moreno. Rio de Janeiro: Ed. Cepa, 2ª Ed., 1970.
9. *O potencial de inteligência do brasileiro* (1972), com Eva Nick. Rio de Janeiro: Ed. Cepa, 1972.
10. *Dinâmica de grupo e desenvolvimento em relações humanas* (1972), com Anne Ancelin Schutzenberger, Célío Garcia e outros. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

11. *Manual de psicologia aplicada* (1962). Belo Horizonte: Itatiaia, 2ª Ed. (Esgotado)
12. *Liderança, tensões, evolução* (1972). Belo Horizonte: Itatiaia.
13. *Esfinge; estrutura e mistério do homem.* (1973). Belo Horizonte: Itatiaia, 2ª Ed., 1976.
14. *A mística do sexo* (1974). Belo Horizonte: Itatiaia, 2ª Ed., 1976.
15. *A consciência cósmica* (1976). Introdução à Psicologia Transpessoal. Petrópolis: Ed. Vozes, 5ª Ed., 1991.
16. *Fronteiras da regressão* (1976). Petrópolis: Ed. Vozes, 5ª Ed., 1991.
17. *O psicodrama triádico* (com Anne Schutzenberger). Belo Horizonte: Interlivros, 1976.
18. *Fronteiras da evolução e da morte.* Petrópolis: Ed. Vozes, 5ª Ed., 1991.
19. *Mística e ciência – Pequeno tratado de psicologia transpessoal*, colaboração com outros autores. Petrópolis: Ed. Vozes, 5 volumes, reeditado, 1992.
20. *A revolução silenciosa – Autobiografia pessoal e transpessoal* (1983). São Paulo: Ed. Pensamento.
21. *Sementes para uma nova era* (1982). Petrópolis, Ed. Vozes, 3ª Ed., 1990.
22. *A neurose do paraíso perdido* (1985). Rio de Janeiro: Ed. Espaço Tempo, 3ª Ed., 1991.
23. *O novo vocabulário holístico* (1985). Rio de Janeiro: Ed. Espaço Tempo/Ed. Cepa, 3ª Ed.
24. *Ondas a procura do mar* (1987). Rio de Janeiro: Ed. Agir.
25. *A palha e trava* (1988). Petrópolis: Ed. Vozes.
26. *O último porquê* (1989). Petrópolis: Ed. Vozes, 3ª Ed., 1991.
27. *Organizações e tecnologias para o terceiro milênio.* A nova cultura organizacional holística (1991). Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 3ª Ed., 1993.
28. *A nova ética.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1993.
29. *A arte de viver em paz.* São Paulo: Ed. Gente, 1ª Ed., 1993.

OBRAS DO AUTOR

30. *A morte da morte*. São Paulo: Ed. Gente, 1995.
31. *Antologia do êxtase*. São Paulo: Palas Athena, 1993.
32. *Holística. Uma nova abordagem do real*. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1991.
33. *Sistemas abertos. Rumo à nova transdisciplinaridade*, em colaboração com Ubiratan d'Ambrosio e Roberto Crema. São Paulo: Summus Editora, 1993.
34. *A mudança de sentido. O sentido da mudança*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.
35. *Lágrimas de compaixão*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.
36. *A arte de viver a vida*. Brasília: Letra Ativa, 2001.
37. *O fim da guerra dos sexos. O reencontro do masculino e do feminino na gestão do terceiro milênio*. Brasília: Letra Ativa, 2002.
38. *Os mutantes. Emergência de uma nova humanidade para um novo milênio*. Campinas: Verus Editora, 2ª Ed., 2003.



Rede Unipaz Internacional

Campus Unipaz Portugal

E-mail: ip253406@ip.pt ou unipaz@unipaz.pt

Site: www.unipaz.pt

Núcleo Unipaz Israel

E-mail: juki@latinmail.com

Núcleo Unipaz França

E-mail: Fievetfr@aol.com

Site: www.unipaix.org

Núcleo Unipaz Bélgica

E-mail: polan@swing.be

Núcleo Unipaz Argentina

E-mail: martinezbouquet@sion.com

Rede Unipaz Nacional

Campus Unipaz DF

E-mail: unipazdf@unipazdf.org.br

Site: www.unipazdf.org.br

Núcleo Belém

E-mail: unipaz-pa-ihsa-lucia@bol.com.br

Núcleo Curitiba

E-mail: coordena@unipazparana.com.br

Núcleo Goiânia

E-mail: unipaz@serradaportaria.com.br

Núcleo Londrina

E-mail: hansatha@inbrapenet.com.br

Núcleo Recife

E-mail: seralbuq@ecologia.com.br

Núcleo Triângulo Mineiro

E-mail: unipaztm@aol.com

Núcleo Vitória

E-mail: unipazes@ebrnet.com.br

Campus Unipaz Bahia

E-mail: unipaz@terra.com.br

Núcleo Aracaju

E-mail: unipaz@unipazsergipe.com.br

Campus Unipaz Ceará

E-mail: unipaz-ce@secrel.com.br

Núcleo Natal

E-mail: f.tavares@digi.com.br

Campus Ilha de Santa Catarina

E-mail: unipazsc@terra.com.br

Campus Unipaz Minas Gerais

E-mail: unipazmg@unipazmg.org.br

Site: www.unipazmg.org.br

Núcleo Araxá

E-mail: unipazaraxa@ig.com.br

Campus Unipaz Rio de Janeiro

E-mail: unipaz@uol.com.br

Site: unipazrj.org.br

Campus Unipaz São Paulo/Campinas

E-mail: unipaz@unipaz.net

Site: www.unipaz.net

Campus Unipaz São Paulo/Capital

E-mail: spcapital@unipaz.net

Núcleo Altinópolis

E-mail: unipaz@com4.com.br

Núcleo São José dos Campos

E-mail: unipazsjcampos@unipaz.net

Campus Unipaz-Sul

E-mail: unipazsul@unipazsul.org.br

Site: www.unipazsul.org.br

Núcleo Chapecó

E-mail: unipazch@bol.com.br

Núcleo Criciúma/SC

E-mail: oikos@oikoscom.com.br

Núcleo Pelotas

E-mail: teresaferlauto@bol.com.br

Núcleo Santa Maria

E-mail: danycallegaro@terra.com.br

Site do autor:
<http://www.pierreweil.pro.br>